



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

XXX Jornada Giulio Massarani
de Iniciação Científica, Artística e Cultural UFRJ

LIVRO DE RESUMOS

Forum de Ciência e Cultura

2008

Jornada de Iniciação Científica
(03 a 07 de novembro de 2008, Rio de Janeiro - RJ - Brasil)

Livro de Resumos da XXX Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

54 p.; 210 x 290 mm

- | | |
|-------------------------|--|
| 1. Ciência – Congressos | I. Jornada de Iniciação Artística e Cultural |
| | II. UFRJ |

APRESENTAÇÃO

A UFRJ comemora este ano a 30ª versão de sua Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural sendo, portanto, uma ocasião especial deste evento, que anualmente congrega a participação de alunos de graduação, pós-graduação e docentes das diferentes áreas do conhecimento. Esta Jornada constitui-se num importante fórum de debates sobre os estudos e pesquisa em desenvolvimento nos 145 cursos de graduação dos sete (7) Centros da UFRJ, com efetiva vinculação aos seus mais de 80 cursos de pós-graduação.

A Jornada de Iniciação Científica foi criada em 1978 pelo Prof. Giulio Massarani, envolvendo apenas o Centro de Tecnologia (CT) e o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). Em 1985, o evento alcançou toda a UFRJ e teve participação de praticamente todos os Centros, notadamente do CCMN, do CT e do Centro de Ciências da Saúde (CCS). A partir de 1993, quando a UFRJ passou a participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Jornada passou a ser, também, o fórum de apresentação dos trabalhos dos bolsistas deste Programa.

Os resumos dos trabalhos da **XXX Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural** estão apresentados em quatro volumes: um para a área de *Ciências da Vida* (Centro de Ciências da Saúde), um para a área das *Ciências Exatas* (Centro de Tecnologia e Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza), um para as *Ciências Humanas e Sociais* (Centro de Letras e Artes, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e Centro de Filosofia e Ciências Humanas) e um que reúne os trabalhos do Fórum de Ciência e Cultura / Museu Nacional (áreas das *Ciências da Vida*, *Exatas e Humanas*). No total, são 3058 trabalhos aceitos para apresentação após processo de revisão.

Em 2007 a UFRJ contou com 774 bolsistas **CNPq-PIBIC** e 600 bolsistas da **UFRJ**, além de um grande número de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Iniciação Científica Balcão (**CNPq-IC Balcão**) e Programa de Recursos Humanos para Atividades Estratégicas em Apoio a Inovação Tecnológica (**CNPq-RHAE**); da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Programa de Educação Tutorial (**CAPES-PET**); da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (**FAPERJ**); do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica de outra Instituição (**CNPq-PIBIC de outra IES**); da Agência Nacional do Petróleo (**ANP**) e de Bolsas de Projeto de Pesquisa. Como acontece desde 1995, a UFRJ tem patrocinado, também, bolsas de Iniciação Científica Júnior para os alunos do seu Colégio de Aplicação.

Pelos números da Jornada deste ano fica claro o crescente interesse e participação da comunidade acadêmica. Os trabalhos apresentados em 2008 referem-se àqueles desenvolvidos por **2771 autores bolsistas** e por **1385 autores não-bolsistas**. A grande maioria dos alunos não-bolsistas aguarda eventuais vagas de cota de bolsa e ao mesmo tempo se prepara para concorrer às novas bolsas no próximo ano. Deduz-se, então, que o PIBIC está estimulando eficazmente a Iniciação Científica na UFRJ, embora ainda não consiga atender a demanda qualificada.

*Comitê Local e
Coordenação Geral da Jornada*

AGRADECIMENTOS

É inegável a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa da UFRJ. Essa contribuição pode ser aferida diretamente pela evolução das Jornadas de Iniciação (Científica e Artística e Cultural) nos últimos cinco anos.

A realização da XXIX Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural, com 3262 trabalhos a serem apresentados por 4156 autores-discentes e 3064 orientadores, reflete essa contribuição.

O sucesso da atividade como um todo é o resultado da dedicação e do esforço de toda a comunidade da UFRJ. Mas, nesse momento, não podemos deixar de destacar o trabalho daqueles diretamente envolvidos com as Jornadas. Expressamos, portanto, o nosso reconhecimento a todos que participaram desta organização, seja na coordenação e apoio na PR2, seja na coordenação e apoio nos Centros e Unidades.

Reconhecemos e agradecemos, ainda, a contribuição do Comitê Externo no processo de acompanhamento e avaliação do PIBIC/UFRJ. Naturalmente, não podemos deixar de mencionar o Comitê Institucional, que tem cada vez mais aprimorado o acompanhamento do PIBIC na Universidade.

Registramos, finalmente, que os apoios recebidos da Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), do Banco do Brasil, Petrobras e da Eletrobrás foram fundamentais para a realização deste evento.

Profª Belkis Valdman
Pró-Reitora de Graduação

Profª Angela Maria Cohen Uller
Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Prof. Aloisio Teixeira

Vice-Reitora

Prof^a Sylvia da Silveira de Mello Vargas

Pró-Reitora de Graduação (PR-1)

Prof^a Belkis Valdman

Superintendente Geral

Prof. Eduardo Mach Queiroz

Superintendente Administrativa

Mara Lúcia Silva de Moraes

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa (PR-2)

Prof^a Angela Maria Cohen Uller

Superintendente Acadêmico

Prof. Nei Pereira Júnior

Superintendente Administrativa

Regina Dantas

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento (PR-3)

Prof. Carlos Antônio Levi da Conceição

Superintendente de Planejamento e Desenvolvimento

Regina Célia Aves S. Loureiro

Superintendente de Administração e Finanças

Prof. Milton Reynaldo Flores de Freitas

Pró-Reitor de Pessoal (PR-4)

Prof. Luiz Afonso Henriques Mariz

Superintendente Geral

Roberto Antônio Gambine Moreira

Pró-Reitora de Extensão (PR-5)

Prof^a Laura Tavares Ribeiro Soares

Superintendente Geral

Isabel Cristina Alencar de Azevedo

Superintendente Acadêmica

Prof^a Ana Inês Sousa

Prefeito da Universidade

Prof. Hélio de Mattos Alves

Coordenadora do Forum de Ciência e Cultura

Prof^a Beatriz Resende

Superintendente Administrativa

Heliane Rocha

Comitê Local de Iniciação Científica

Prof^a Sandra Maria Feliciano de Oliveira e Azevedo
Prof^a Dinah Maria Isensee Calou
Prof^a Denise Barcellos Pinheiro Machado
Prof^a Celuta Sales Alviano
Prof. Webe João Mansour
Prof^a Ana Luíza Coelho Netto
Prof. Ricardo Martins da Silva Rosa
Prof^a Walcy Santos
Prof^a Débora Foguel
Prof. José Roberto Lapa e Silva
Prof^a Celina Maria Moreira de Mello
Prof. Mario Alberto Cardoso da Silva
Prof. Nelson Spector
Prof^a Andreia Cristina Lopes Frazao da Silva
Prof. Sergio Alvares de Souza Camargo Junior
Prof. Rainer Randolph
Prof. Luiz Antonio Constant Rodrigues da Cunha
Prof^a Virginia Kastrup

Coordenação PIBIC/UFRJ

Prof^a Sandra Maria Feliciano de Oliveira e Azevedo
(Coordenador Acadêmico)

Bruno da Fonseca Monteiro
(Coordenador Administrativo)

Organização da Jornada

Coordenação Geral

Prof^a Sandra Maria Feliciano de Oliveira e Azevedo
Mária de Fatima Bastos Freitas

Coordenação da Jornada dos Centros

Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza

Prof^a. Angela Cássia Biazutti
Prof^a. Monique Robalo Moura Carmona

Representantes de Unidades

Prof^a Teresa Stuchi - IF
Prof. Regina Célia Arcuri - IF
Prof. Antonio Carlos Fontes dos Santos - IF
Prof. Edson P. Marques Filho - IGEO
Prof. Manoel do Couto Fernandes - IGEO
Prof^a Letícia Parente Ribeiro - IGEO
Prof^a Andréa Ferreira Borges - IGEO
Prof. Rafael Winter Ribeiro - IGEO
Prof. Hugo Abi Karan - IGEO
Prof^a Maria Fernanda Elbert Guimarães - IM
Prof^a Márcia Rosana Cerioli - IM
Prof. Joaquim Fernando M. da Silva - IQ
Prof. François Cuisinier - OV

Centro de Letras e Artes

Prof^a Flora de Paoli Faria
Hilda Regina Vasconcellos Senna

Representes de Unidades

Prof^a Helena Gryner - FL
Prof^a Sonia Hilf Shultz - FAU
Prof^a Maria Beatriz Licursi Conceição - EM
Prof^a Rosa Maria Lellis Werneck - EBA
Prof^a Cybele Vidal Neto Fernandes - EBA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Prof^a Andréa Maria de Paula Teixeira
Prof. Paulo César Castro

Representantes de Unidades

Prof^a Maristela Dal Moro - ESS
Prof^a Cristina Rego Monteiro da Luz - EC
Prof^a Suzy dos Santos - EC
Prof^a Cristina Monteiro Barbosa - IP
Prof^a Célia Brito Teixeira Gama - CAP
Prof^a Miriam Waindenfeld Chaves - FE
Prof. Alexander Zhebit - NEPP-DH
Prof^a Leila Rodrigues - IFCS

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

Prof. Marcelo de Araújo
Prof^a Maria Sílvia Possas

Representantes de Unidades

Prof. Vitor Iorio - FAAC
Prof. Mauro Kleiman - IPPUR
Prof^a Úrsula Weitzel - COPPEAD
Prof. Marcelo de Araújo - FND
Prof^a Maria Sivia Possas - IE
Prof^a Marta Lemme - IE

Centro de Ciências da Saúde

Prof^a Lucienne da Silva Morcillo
Prof^a Valéria Freitas de Magalhães
Prof^a Valéria do Monti Nascimento Cunha
Prof. Gil Fernando da Costa Mendes de Salles
Prof^a Lucinne da Silva Morcillo
Prof. Homero Soares Fogaça

Representantes de Unidades

Prof. João Pedro Saar Werneck de Castro - EEFD
Prof^a Maria Aparecida Vasconcelos Moura - EEAN
Prof^a Carla Holandino Quaresma - FF
Prof^a Valéria Pereira de Sousa - FF

Continuação...

Representantes de Unidades - CCS

Profª Zilda Maria Carvalho - FO
Profª Vania Maria Costa - IBCCF
Prof. Daniel Fernandes da Silva - IB
Profª Carla Polikarpo - IBqM
Prof. João Menezes - ICB
Profª Claudia Lucia Martins Silva - ICB
Profª Morgana Teixeira Lima Castelo Branco - ICB
Profª Marinella Lapport - IMPPG
Profª Vera Valente Mesquita - INJC
Profª Luzineide Tinoco - NPPN
Profª Miriam Struchiner - NUTES
Profª Luizaugusto Rezende - NUTES
Prof. Gil Fernando da Costa Mendes de Salles - HUCFF
Prof. Homero Soares Fogaça - HUCFF

Centro de Tecnologia

Profª Ana Lucia Vendramini
Prof. Jose Carlos de Oliveira

Representantes de Unidades:

Profª Eliana Mosse Alhadef - EQ
Profª Claudia Regina Elias Mansur - IMA
Prof. Armando Carlos de Pina Filho - Esc. Politécnica

Fórum de Ciência e Cultura

Prof. Marcelo Carvalho de Araújo
Profª Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Representantes de Unidades:

Prof. Paulo Backup - MN
Profª Vânia Esteves - MN

FCC

Forum de Ciência e Cultura

PROGRAMAÇÃO

06/11 • quinta-feira

Sessão: 219 - Nome: História Natural III

Hora: 08:00 às 17:30

Local: Corredor do CCS

Tipo de Apresentação: Painel

Coordenação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coordenador)

Página

__ : __ às __ : __	Código: 48	D. Pedro II, os Fósseis da Bacia de Paris e o Museu Nacional	1
	Autor: ANDRÉA SIQUEIRA D'ALESSANDRI FORTI (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES		
__ : __ às __ : __	Código: 49	O Museu do Imperador e as Lavas do Etna	1
	Autor: ANDRÉA SIQUEIRA D'ALESSANDRI FORTI (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES		
__ : __ às __ : __	Código: 100	Projeto Central: Análise Estatística da Região Óssea de Adorno de Acompanhamento Funerário, Bahia, Brasil	1
	Autor: FELIPE ZEIDAN SILVEIRA (Sem Bolsa) e JULIANA DE SOUSA NOGUEIRA (Sem Bolsa)		
	Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES		
__ : __ às __ : __	Código: 148	Estudo de Cianobactérias Litofíticas em Campo Rupestre, Serra de São José (MG)	2
	Autor: VALÉRIA LIMA MARQUES DE SOUSA (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: MARIANGELA MENEZES e RUY JOSÉ VALKA ALVES		
__ : __ às __ : __	Código: 195	Descrição de uma Nova Espécie de <i>Cyrtoneuropsis malloch</i> , 1925 (<i>Diptera, Muscidae</i>) e Primeiro Registro do Gênero no Estado do Maranhão (Brasil)	2
	Autor: GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI		
__ : __ às __ : __	Código: 197	Diversidade Biológica da Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro - Rede de Insetos <i>Diptera: Muscidae, Fanniidae, Cecidomyiidae</i>	3
	Autor: GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI e VALÉRIA CID MAIA		
__ : __ às __ : __	Código: 198	Dipterofauna da Ilha de Fernando de Noronha, Pernambuco (Brasil)	3
	Autor: GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI		
__ : __ às __ : __	Código: 199	Morfologia da Terminália de Quatro Espécies de <i>Spilogona schnabl</i> (<i>Diptera, Muscidae, Coenosiinae, Limnophorini</i>)	4
	Autor: GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI		
__ : __ às __ : __	Código: 361	Nova Espécie de Baleja da Colômbia (<i>Insecta: Hemiptera: Cicadellidae: Cicadellini</i>)	4
	Autor: LUIZ GABRIEL NOGUEIRA RODRIGUES (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI		
__ : __ às __ : __	Código: 495	Porifera do Monte Submarino Almirante Saldanha - Novas Ocorrências de <i>Erylus</i> para o Atlântico (<i>Demospongiae: Astrophorida: Geodiidae</i>)	5
	Autor: WELINGTON FRANKLIN VIEIRA JUNIOR (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: BRUNO COSME DA SILVA GOMES e EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU		
__ : __ às __ : __	Código: 615	Anatomia Floral de <i>Castelnavia princeps Tul. & Wedd. (Podostemaceae)</i>	5
	Autor: MÔNICA RIBEIRO GONÇALVES (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: BÁRBARA DE SÁ HAIAD e CLÁUDIA PETEAN BOVE		
__ : __ às __ : __	Código: 631	Diversidade do Fitoplâncton de Rios e Reservatórios da Região Hidrográfica do Rio Uruguai: Influência da Bacia de Drenagem	6
	Autor: MARIANA ORICHIO MELLO APPEL (CNPq-IC Balção)		
	Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR		
__ : __ às __ : __	Código: 740	Anatomia Floral de <i>Croton sp. - Euphorborbiaceae</i>	6
	Autor: THIAGO VIEGAS DE OLIVEIRA (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: RITA DE CÁSSIA RIBEIRO GAMA, BÁRBARA DE SÁ HAIAD e LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES		
__ : __ às __ : __	Código: 741	Anatomia da Flor Pistilada de <i>Cleome rosea Vahl. ex Dc. (Cleomaceae)</i>	7
	Autor: ISABELLA VERÍSSIMO NADER HADAD (CNPq/PIBIC) e CAMILA DE ARAÚJO TORRES (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: RITA DE CÁSSIA RIBEIRO GAMA e LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES		

06/11 • quinta-feira

___:___ às ___:___	Código: 840	Compatibilidade Gamética entre Morfotipos da Estrela-do-Mar <i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i>	7
	Autor: BEATRIZ BASTOS FONSECA (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: CARLOS RENATO REZENDE VENTURA		
___:___ às ___:___	Código: 985	Levantamento Taxonômico das Espécies da Subordem <i>Doridacea</i> (<i>Mollusca</i> , <i>Gastropoda</i> , <i>Nudibranchia</i>) da Praia do Forno, Arraial do Cabo, RJ, Brasil	8
	Autor: JULIANA BATISTA ALVIM (UFRJ/PIBIC)		
	Orientação: ALEXANDRE DIAS PIMENTA		
___:___ às ___:___	Código: 1560	Organização das Amostras de Rochas Provenientes da Antártica na Coleção Didática de Rochas Sedimentares do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional	8
	Autor: PAULA FERNANDES DA SILVA (IC-Junior)		
	Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS		
___:___ às ___:___	Código: 1733	Em Busca de Fragmentos da História do Brasil no Museu Nacional/UFRJ	8
	Autor: JULIANA BACELAR DE MATOS (Bolsa de Projeto)		
	Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS		

Sessão: 203 - Nome: História Natural I

Hora: 09:20 às 15:00

Local: Auditório da Biblioteca Central do CCS

Tipo de Apresentação: Oral

Coordenação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coordenador)

			Página
09:20 às 09:40	Código: 229	<i>Euphorbiaceae</i> <i>Juss.</i> na APA do Engenho Pequeno, S. Gonçalo, RJ	9
	Autor: SARAH DARIO ALVES (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: LUCI DE SENNA VALLE		
09:40 às 10:00	Código: 645	Floração de Cianobactérias em Sistemas Lóticos: O Caso do Rio Paraíba do Sul	9
	Autor: ROBERTO ABRANTES FIRME (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR e LUCIANA SILVA DA COSTA		
10:00 às 10:20	Código: 819	Relações de Endemismo de Peixes entre Bacias Hidrográficas do Leste do Brasil	10
	Autor: MARIA CLARA NUNES RAMOS CHAVES (Sem Bolsa)		
	Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP		
10:40 às 11:00	Código: 844	Comparação Morfológica entre os Morfotipos de Cor de <i>Paracentrotus gaimardi</i> (<i>Blainville</i>) (<i>Echinodermata</i> ; <i>Echinoidea</i>)	10
	Autor: ELINIA MEDEIROS LOPES (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: CARLOS RENATO REZENDE VENTURA		
11:00 às 11:20	Código: 1990	Uma Nova Espécie de <i>Tedania</i> (<i>Trachytedania</i>) (<i>Demospongiae</i> , <i>Poecilosclerida</i>) do Rio de Janeiro, RJ	11
	Autor: VITOR CORRÊA SEQUEIRA TAVARES (CNPq/PIBIC)		
	Orientação: GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY		
11:20 às 11:40	Código: 3202	Cem Anos do Misterioso Impacto Cósmico de Tunguska	11
	Autor: DEBORAH ACEDO GUEDES (IC-Junior)		
	Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTI		
11:40 às 12:00	Código: 3306	Abordagens Políticas na Correspondência de Bertha Lutz	11
	Autor: JOÃO GABRIEL DA SILVA ASCENSO (Bolsa de Projeto)		
	Orientação: Sílvia Ninita de Moura Estevão, MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS e VITOR MANOEL FONSECA		
13:40 às 14:00	Código: 1120	Um Museu de Malas Prontas: A Viagem do Museu Nacional do Campo de Santana para o Palácio de São Cristóvão	12
	Autor: PAULO VINICIUS APRIGIO DA SILVA (Bolsa de Projeto)		
	Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS		
14:00 às 14:20	Código: 2541	A Visão Informal acerca dos Acontecimentos Políticos Globais dos Cientistas Naturais em Meados do Século XX	12
	Autor: ANDERSON DE SOUZA LIMA (Outra Bolsa)		
	Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS e SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO		
14:20 às 14:40	Código: 3293	Alípio de Miranda Ribeiro e Marechal Rondon: Uma Relação entre o Cientificismo e o Positivismo no Brasil	12
	Autor: MARIAH DOS SANTOS MARTINS (Outra Bolsa)		
	Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS		

07/11 • sexta-feira

Sessão: 221 - Nome: História Natural IV

Hora: 08:00 às 17:30

Local: Corredor do CCS

Tipo de Apresentação: Painel

Coordenação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coordenador)

Página

___:___ às ___:___	Código: 1814 As Espécies do Gênero <i>Calomys</i> Representadas na Coleção do Museu Nacional (UFRJ): Identificação dos Espécimes da Coleção do Serviço Nacional da Peste	13
	Autor: RAFAEL DA SILVA LUZ (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA	
___:___ às ___:___	Código: 1898 Paleobotânica do Cretáceo da Ilha James Ross, Antártica Oriental: Coleção de Referência e Banco de Dados de Lenhos Fósseis e Atuais	13
	Autor: JULIANA DA SILVA COELHO (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: RITA SCHEEL YBERT, LUCIANA WITOVISK GUSSELLA e MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO	
___:___ às ___:___	Código: 1910 Reorganização e Informatização da Coleção de Paleobotânica do Museu Nacional	14
	Autor: LUÍS HENRIQUE PEREIRA BARROS (FAPERJ), ARTHUR GUTIERREZ GRAVATO RODRIGUES (CNPq/PIBIC) e LARISSA JACINTHO MOREIRA GAMA (IC-Junior)	
	Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO, RITA SCHEEL YBERT e ALINE GONÇALVES DE FREITAS	
___:___ às ___:___	Código: 1995 Palinologia de Seis Espécies de <i>Aspilia thou</i> (<i>Asteraceae martinov</i>)	14
	Autor: DIEGO E SILVA MENEZES CORRÊA (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: VÂNIA GONCALVES LOURENÇO ESTEVES e CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA	
___:___ às ___:___	Código: 2051 Ocorrência de Esporões e Reações Ósseas nas Faces Plantares de Calcâneos de Indivíduos Pertencentes a uma População Pré-Histórica do Litoral do Estado do Rio de Janeiro	15
	Autor: RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA (Outra Bolsa)	
	Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO, ADILSON DIAS SALLES e PEDRO SUCUPIRA DE TOLEDO	
___:___ às ___:___	Código: 2107 Palinotaxonomia de Espécies de <i>Castelnavia</i> Tul. & Wedd., <i>Lonchostephus</i> Tul., <i>Marathrum bonpl.</i> , <i>Vanroyenella</i> Novelo & Philbrick (<i>Podostemaceae</i>)	15
	Autor: ANA PAULA GARCIA COSTA (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: VÂNIA GONCALVES LOURENÇO ESTEVES e CLÁUDIA PETEAN BOVE	
___:___ às ___:___	Código: 2137 Palinotaxonomia de Três Espécies de <i>Eremanthus less.</i> (<i>Asteraceae</i>)	16
	Autor: VANESSA HOLANDA RIGHETTI DE ABREU (Sem Bolsa), WELLERSON PICANÇO LEITE (Sem Bolsa), STEPHANIE ALMEIDA DA SILVA (Sem Bolsa) e ANA PAULA GARCIA COSTA (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: VÂNIA GONCALVES LOURENÇO ESTEVES e CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA	
___:___ às ___:___	Código: 2140 Inventário Taxonômico de Cianobactérias do Canal do Piraquê: Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ	16
	Autor: RENATA RIBEIRO GUIMARÃES (Bolsa de Projeto) e VALÉRIA LIMA MARQUES DE SOUSA (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: MARIANGELA MENEZES e CÉLIA LEITE SANT'ANNA	
___:___ às ___:___	Código: 2280 Cinco Novas Espécies de <i>Stelletta</i> (<i>Astrophorida</i> , <i>Demospongiae</i>) para a Costa do Chile	17
	Autor: GUSTAVO BASTOS DA SILVA (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: MARIANA DE SOUZA CARVALHO e EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU	
___:___ às ___:___	Código: 2303 Floração de <i>Heterocapsa sp.</i> (<i>Dinophyceae</i>) em um Sistema Costeiro Eutrofizado do Rio de Janeiro (RJ)	17
	Autor: SUEMA BRANCO (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: MARIANGELA MENEZES, PATRÍCIA DOMINGOS, LEONARDO RODRIGUES DE ANDRADE e TAÍS DOS SANTOS LOPES	
___:___ às ___:___	Código: 2325 - Projeto Central: Programa para Informatização de Acervo Ósseo	18
	Autor: RAFAEL GOMES SCHIENER (Sem Bolsa) e CARLOS HENRIQUE SILVA RUA (Sem Bolsa)	
	Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES	
___:___ às ___:___	Código: 2339 Região Arqueológica de Central, Bahia, Brasil: Presença de Conchas de Moluscos Terrestres e Límnicos com Perfurações	18
	Autor: VINICIUS JOVIANO DA SILVA (Sem Bolsa) e YASMIN CAVENDISH DA SILVA (Sem Bolsa)	
	Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES, ANDRÉIA ALVES SOARES e MARIA DA CONCEICAO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO	
___:___ às ___:___	Código: 2342 Uma Espécie Nova de <i>Onychophora</i> no Nordeste Brasileiro	19
	Autor: CRISTIANO SAMPAIO COSTA (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: AMAZONAS CHAGAS JUNIOR, ADRIANO BRILHANTE KURY e RENNER LUIZ CERQUEIRA BAPTISTA	

07/11 • sexta-feira

___:___ às ___:___	Código: 2442 Dinâmica Nictemeral do Fitoplâncton no Reservatório de Serra da Mesa (GO) em Diferentes Períodos Climatológicos	19
	Autor: NAIÁ OLIVEIRA DE ABREU NASCIMENTO (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA, VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR e FÁBIO ROLAND	
___:___ às ___:___	Código: 2443 Dinâmica Nictemeral Vertical do Fitoplâncton no Reservatório de Serra da Mesa (GO) em Diferentes Períodos Climatológicos	20
	Autor: NAIÁ OLIVEIRA DE ABREU NASCIMENTO (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA, VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR e FÁBIO ROLAND	
___:___ às ___:___	Código: 2612 Análise de Dois Exemplares de <i>Ichthyosauria (Reptilia)</i> do Jurássico da Europa	20
	Autor: TIAGO RODRIGUES SIMÕES (Sem Bolsa)	
	Orientação: ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER e TAÍSSA RODRIGUES MARQUES DA SILVA	
___:___ às ___:___	Código: 3225 - Variabilidade Morfológica em Microscleras de <i>Monanchora arbuscula</i> (Duchassaing & Michelotti, 1864) no Atlântico Tropical Ocidental (<i>Crambeidae, Poecilosclerida, Demospongiae</i>)	21
	Autor: VIVIANE PERDOMO SANTOS (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: EDUARDO LEAL ESTEVES e EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU	
___:___ às ___:___	Código: 3423 Contribuição do Programa de Iniciação Científica Júnior à Preservação da Memória do Museu Nacional/UFRJ	21
	Autor: NICOLLE BATISTA BENETT (IC-Junior), ANA CAROLYNA MAIA DUARTE (IC-Junior) e PAULO RODRIGO VERÇOSA BARROS (IC-Junior)	
	Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS, CÉLIA MARIA GOMES MAIA, SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVES e PAULA MARIA VAN BIENE	
___:___ às ___:___	Código: 3469 Utilizando os Programas UFOcapture, UFOanalyzer e UFOOrbit para Determinar a Órbita de Bólidos e Meteoros Capturados por Duas Câmaras All-Sky	22
	Autor: DEBORAH ACEDO GUEDES (IC-Junior)	
	Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTI	

Sessão: 215 - Nome: História Natural II

Hora: 09:00 às 15:40

Local: Auditório da Biblioteca Central do CCS

Tipo de Apresentação: Oral

Coordenação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coordenador)

Página

09:20 às 09:40	Código: 392 Gênese e Evolução do Abrigo sob Rocha em Tufa Calcária do Caxangá I, Município de Itaocara (RJ)	22
	Autor: RENAN MONTEIRO DE BARROS CAVALCANTI (Sem Bolsa) e FILIPE MENEZES ROCHA (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS	
09:40 às 10:00	Código: 174 Projeto Central: Maquete, Modelo Bidimensional para o Tridimensional - O Campo no Laboratório	22
	Autor: LÁZARO GABRIEL DO NASCIMENTO ALVES (CNPq-IC Balcão)	
	Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES e MARIA DA CONCEICAO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO	
10:00 às 10:20	Código: 487 Caracterização Estratigráfica e Paleoambiental dos Depósitos Siliciclásticos da Formação Whisky Bay na Praia de Bibby Point, Norte da Ilha James Ross (Península Antártica)	23
	Autor: ANDRÉ PIRES NEGRÃO (Bolsa de Projeto)	
	Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS e MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO	
10:40 às 11:00	Código: 797 O Método de Triagem de um Sambaqui: O Achado de uma Pérola no Sítio Usiminas	23
	Autor: RENATA VERDUN DA SILVA CARMO (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA e CARLA DE MORAES RIBEIRO	
11:00 às 11:20	Código: 619 Caracterização Litofaciológica do Depósito de Leque Aluvial da Fazenda Bom Retiro (Distrito de Bulhões, Porto Real/RJ), e Seu Significado na Evolução Paleogênica do Gráben Resende	24
	Autor: RICARDO ARAGÃO RIBEIRO (Sem Bolsa) e FÁBIO BELCHIOR COSTA (Sem Bolsa)	
	Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS	
11:20 às 11:40	Código: 3071 Infância e Saúde na Pré-História: O que Podemos Recuperar a partir das Coleções Osteológicas? Estudo de Caso da Coleção do Sambaqui de Cabeçuda (SC)	24
	Autor: PEDRO SUCUPIRA DE TOLEDO (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO, ADILSON DIAS SALLES e RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA	

07/11 • sexta-feira

11:40 às 12:00	Código: 1916 Estudos Anatômicos de Madeiras Carbonizadas da Coleção de Referência Antracológica do Setor de Paleobotânica e Paleopalinologia do DGP/MN: <i>Burseraceae, Cactaceae, Capparaceae</i>	25
	Autor: ALISSON RANGEL (CNPq-IC Balcão)	
	Orientação: RITA SCHEEL YBERT e MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO	
13:40 às 14:00	Código: 2525 O Uso do Sílex pelo Grupo Pescadores-Coletores-Caçadores do Litoral Sudeste do Estado do Rio de Janeiro: O Caso do Sítio Usiminas	25
	Autor: RENATA VERDUN DA SILVA CARMO (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA e CARLA DE MORAES RIBEIRO	
14:00 às 14:20	Código: 981 Ovos de Copépodes Quaternários da Bacia de Campos	26
	Autor: ARTHUR GUTIERREZ GRAVATO RODRIGUES (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO e RITA SCHEEL-YBERT	
14:20 às 14:40	Código: 2536 Identificação e Resgate de um Sítio Arqueológico no Município de Armação de Búzios	26
	Autor: RENATA VERDUN DA SILVA CARMO (UFRJ/PIBIC)	
	Orientação: MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA e CARLA DE MORAES RIBEIRO	
14:40 às 15:00	Código: 1886 Lenhos Fósseis do Cretáceo Coletados na Ilha James Ross, Península Antártica	27
	Autor: JULIANA DA SILVA COELHO (CNPq/PIBIC) e LUÍS HENRIQUE PEREIRA BARROS (FAPERJ)	
	Orientação: RITA SCHEEL YBERT, MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO, RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS e LUCIANA WITOVISK GUSSELLA	
15:00 às 15:20	Código: 967 Abundância de Palinomorfos como Indicadores de Variação do Nível do Mar Associada às Glaciações Quaternárias, Bacia de Campos	27
	Autor: SUSAN PAIVA DE CASTRO (UFRJ/PIBIC) e RODRIGO PEREIRA DE SOUZA CAVALCANTE (CNPq/PIBIC)	
	Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO, RITA SCHEEL-YBERT e ALINE GONÇALVES DE FREITAS	

FCC

Forum de Ciência e Cultura

RESUMOS

Código: 48 - D. Pedro II, os Fósseis da Bacia de Paris e o Museu Nacional

ANDRÉA SIQUEIRA D'ALESSANDRI FORTI (CNPq/PIBIC)

Área Básica: PALEONTOLOGIA ESTRATIGRÁFICA

Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES

Durante sua estadia em Paris no início de 1872, quando de sua primeira viagem ao exterior, D. Pedro II foi apresentado por G. Loustau, engenheiro da companhia Chemin de Fer du Nord, com uma coleção de bivalvíos fósseis oriundos do Terciário da Bacia de Paris. Acomodados em 327 caixas, os exemplares representavam 302 espécies listadas em um catálogo com suas respectivas procedências. Os fósseis certamente permaneceram junto à coleção de artefatos científicos pertencentes ao “gabinete de curiosidades” do monarca (o “Museu do Imperador”) no palácio de São Cristóvão. Com o exílio, em 1891, D. Pedro doou o acervo ao Museu Nacional. Devido à falta de informações no atual livro de tomo do setor de paleoinvertebrados da instituição, a ligação da coleção da Bacia de Paris com o imperador permaneceu desconhecida até recentemente quando foi encontrado o catálogo original. De conservação primorosa, a coleção, representada por 1.391 exemplares, distribuídos em 274 espécies, reveste-se de grande importância científica e histórica. Isto decorre tanto pelo fato de conter fósseis de jazigos hoje inacessíveis devido ao crescimento da cidade de Paris, como por constituir o único acervo paleontológico, descoberto até o momento, doado por D. Pedro ao Museu Nacional. Apoio: CNPq e FAPERJ.

Código: 49 - O Museu do Imperador e as Lavas do Etna

ANDRÉA SIQUEIRA D'ALESSANDRI FORTI (CNPq/PIBIC)

Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES

Ciente do grande interesse de D. Pedro II pelas ciências, o comerciante italiano Antonio ou Antonino Barbera, na ocasião ocupando o cargo de vice-cônsul do Brasil em Catânia, na Sicília, Itália, enviou ao imperador um amplo relatório sobre a “espantosa erupção no histórico Etna”, ocorrida em 19 de maio de 1886. O relatório, datado de 2 de dezembro do mesmo ano, no qual o autor não pretendia apresentar uma descrição científica do grande fenômeno, assinala ser a primeira vez que no fundo de uma cratera encontravam-se várias substâncias químicas e minerais, fato que o teria encorajado a enviar tal oferta, e que “servia apenas para acompanhar uma coleção de lavas vulcânicas”. Incorporado ao acervo do museu particular do imperador, existente no antigo Paço de São Cristóvão (atual prédio do Museu Nacional), o relatório permaneceu desconhecido até recentemente quando foi descoberto entre os documentos do Departamento de Geologia e Paleontologia da instituição. Com 28 páginas e redigido em italiano, o que não era dificuldade para o imperador, já que falava fluentemente o idioma, o relatório contém oito fotografias tomadas após a erupção, com a presença de lavas já consolidadas nas localidades de Nicolosi, Belpasso, Monte Gemellaro, Monte Grosso e uma visão da nova cratera formada no evento. Como complemento encontra-se em anexo duas plantas topográficas, editadas por Nicoló Ciannotta, redigidas pelo Clube Alpino Italiano sediado em Catânia, dando ao imperador uma idéia mais exata do que era descrito. Acompanhando o relatório encontravam-se os fragmentos de lava citados. Com a anexação das coleções do Museu do Imperador ao Museu Nacional em 1891, as amostras de lava foram incorporadas ao acervo e, atualmente encontram-se registradas sob o número 4.492 da coleção de petrografia. O relatório e as amostras revelam-se de grande importância tanto do ponto de vista científico, por se tratar de uma erupção ímpar do Etna, como pelo seu valor histórico, ao revelar sua relação com o Museu do Imperador. A erupção de 1886, embora não tenha sido das mais violentas no panorama geológico do Etna, representa, sem dúvida, um evento histórico e folclórico muito significativo. A velocidade com a qual a lava se deslocou e o risco de destruição sofrido pela pequena cidade de Nicolosi determinou um sentimento de grande impotência na população. Com o medo apavorante de perder os seus poucos pertences, os habitantes de Nicolosi pediram a intervenção do arcebispo de Catânia, Monsenhor Giuseppe Benedetto Dusmet. Segundo as crônicas da época, o cardeal Dusmet foi a Nicolosi levando consigo, de Catânia, o véu de Sta. Ágata e a estátua de Sto. Antônio Abate; com eles, junto aos habitantes, ajoelhou-se orando em frente a lava que, por um evento considerado milagroso, parou de avançar. Hoje em dia, uma capela construída no local exato do evento recorda o acontecido naquela ocasião. Apoio: CNPq e FAPERJ.

Código: 100 - Projeto Central: Análise Estatística da Região Óssea de Adorno de Acompanhamento Funerário, Bahia, Brasil

FELIPE ZEIDAN SILVEIRA (Sem Bolsa)

JULIANA DE SOUSA NOGUEIRA (Sem Bolsa)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARÃES

A partir de 1997, houve salvamento de enterramentos expostos, na construção da rodovia, Angical-Missões, Sítio Alto da Santa Cruz, Município de Angical, Região Arqueológica de Central, Bahia. Durante uma limpeza do acostamento, apareceram duas urnas, profundidade 1,35m, com esqueletos, fragmentadas pela máquina. Uma delas continha um esqueleto humano, sub-adulto, provável masculino, adornado com um colar contendo 586 contas tubulares e 415 fragmentos longitudinais. O estudo do uso de adornos como acompanhamentos funerários nos revelam um pouco da cultura indígena em relação à morte, no aspecto social e religioso. O trabalho objetiva o levantamento estatístico da preferência do tipo e da região óssea utilizado no adorno. O desenvolvimento dessa análise estatística foi iniciado em

maio de 2007, sendo encontrados 586 ossos, entre eles 14 fragmentados, com aproximadamente 96% pertencentes a mamíferos. O método utilizado na identificação foi a geometria da morfologia externa dos ossos, definindo um parâmetro para a classificação de todas as extremidades da peça. O Arco, com 36,2%, foi a forma geométrica mais encontrada dentre os ossos, seguido pelo Oval com 32%, e pelo Triangular com 20,6%. Representando um percentual menor, temos também o Quadrado, Gota, Circular e o Ângulo Reto. Já entre os ossos que possuem as duas extremidades iguais, a forma Triangular prevalece com 16,7 %, seguido pelo Arco (14,8%) e Oval (8,4%). Em 2,7% dos ossos, não foi possível a identificação de nenhuma das extremidades por estarem fragmentados. Em seguida, comparamos as peças com ossos inteiros, previamente identificados, para definir o tipo, o lado e a região do osso. Os dados obtidos nas observações foram digitalizados em planilha para quantificar e produzir tabelas e gráficos para as interpretações. Foi observado dentre as análises a preferência pela utilização de Tibia (43,7%), seguido pelo Úmero (18,4%) e Fêmur (17,6%), e em menor quantidade foram encontrados Rádio (8,7%), Metacarpo (4,1%), Falange (3,8%), Metatarso (0,5%), Costela (0,3%) e Ulna (0,2%). Houve, por pequena diferença de porcentagem, a preferência pela região Medial (28,7%) do osso, seguida da Proximal (24,4%). A região distal foi relativamente menos utilizada representando apenas 10,2% dos ossos identificados. Quanto ao lado direito e esquerdo, suas representações são relativamente iguais, porém torna-se difícil identificar o número de indivíduos, já que de um osso pode-se obter mais de uma conta. Nota-se a preferência da área Proximal na Tibia, da Proximal/Medial no Úmero e da Medial no Fêmur, uma vez que, o diâmetro da região distal dos ossos longos é menor, dificultando a confecção da peça. Possivelmente, a preferência pela Tibia na confecção das contas de colar, deve-se ao seu formato, propício para facilitar o corte, bem como a sua resistência à quebra. Além disso, dos ossos longos, é extraído um maior número de contas, e o canal medular facilita a passagem do cordão, para confeccionar o colar.

Código: 148 - Estudo de Cianobactérias Litofíticas em Campo Rupestre, Serra de São José (MG)

VALÉRIA LIMA MARQUES DE SOUSA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: TAXONOMIA DE CRIPTOGAMOS

Orientação: MARIANGELA MENEZES
RUY JOSÉ VALKA ALVES

A maioria dos estudos sobre cianobactérias desenvolvida no Brasil concentra-se em ambientes aquáticos de águas continentais e marinhas, existindo uma carência de pesquisas em ambientes terrestres aerofíticos e subaerofíticos. Neste trabalho realizou-se o estudo taxonômico de cianobactérias epilíticas e endolíticas em afloramentos quartzíticos de uma área de campo rupestre, Serra de São José, (21°05'S e 44°10'W), entre 900 e 1430 m de altitude, sul do estado de Minas Gerais. As coletas foram realizadas em seis áreas amostrais (AMs) georeferenciadas (GPS), nas faces norte e sul da serra, entre janeiro/2005 e abril/2007. As amostras de rocha foram obtidas com uso de marreta e ponteira, e em laboratório foram lavadas em água destilada e raspadas para a retirada de material. As espécies foram identificadas com base em populações vivas naturais e de cultivos em meio ASM1 líquido e ASM1 sólido (ASM1 + ágar lavado) sob microscópio óptico. A comunidade epilítica extraída da rocha foi fixada em lugol e quantificada, em microscópio invertido, pelo método de sedimentação (100mL), com a contagem de cianobactérias até a estabilização de espécies novas por campo (2mL). Foram identificadas um total de 19 taxa específicos, distribuídos nas famílias Synechococcaceae (dois), Microcystaceae (quatro), Merismopediaceae (um), Chroococcaceae (cinco), Xenococcaceae (um), Pseudanabaenaceae (um), Phormidiaceae (dois), Scytonemataceae (dois) e Stigonemataceae (um). Durante o período de estudo foi visível a estratificação entre as comunidades endolítica, com coloração verde, e epilítica, com coloração marrom escuro e marrom avermelhado, esta última provavelmente devido a comunidade epilítica ter sido composta majoritariamente (60-100%) por espécies com bainhas espessas, produtoras de pigmentos de bainha protetores contra radiação UV-A (*Gloeocapsopsis magma*; *Gloeocapsa rupicola*; *Gloeocapsa cf. novacekii*; *Scytonema ocellatum*; *Stigonema dendroideum*; *Porphyrosiphon sp.*). Destaca-se aqui a espécie *Gloeocapsopsis magma*, com maior frequência, estando presente em todas as AMs e em maior abundância (25-80%). *Scytonema ocellatum* e *Stigonema dendroideum* apresentaram produção de heterocitos em seu ambiente natural, o que possivelmente garantiu a atividade da enzima nitrogenase tanto durante o dia quanto a noite, promovendo a fixação de N₂ com consequente contribuição de compostos nitrogenados para o ambiente. Em cultivo, foram registradas três espécies filamentosas não observadas em populações naturais. Duas espécies da ordem Oscillatoriales, se tratando possivelmente de um representante do gênero *Phormidium* (ASM 1 sólido) e outro, do gênero *Pseudanabaena* (ASM 1 líquido), ambas com hábito endolítico. E a terceira, da ordem Nostocales, *Tolypothrix sp.*, oriunda da sementeira de substrato epilítico em meio ASM1 sólido e, atualmente, mantida em ASM1 líquido.

Código: 195 - Descrição de uma Nova Espécie de *Cyrtoneuropsis malloch*, 1925 (Diptera, Muscidae) e Primeiro Registro do Gênero no Estado do Maranhão (Brasil)

GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI

O gênero *Cyrtoneuropsis malloch*, 1925 (Diptera, Muscidae) tem distribuição neotropical com 33 espécies válidas. *Cyrtoneuropsis* pode ser facilmente separado dos demais múscidas, pelo seguinte conjunto de caracteres: cerdas dorsocentrais 2:4, cerdas caterpisternais 1:2, anepímero setuloso, parede pós-alar nua, arista com longos cílios, podendo em algumas espécies ter cílios secundários, nervura R1 setulosa na superfície ventral, nervura M levemente

curvada apicalmente. O objetivo do trabalho é apresentar a descrição de uma nova espécie com ilustrações das terminálias masculina e feminina. O material referente à espécie aqui descrita foi coletado em uma expedição na região de Igarapé Paraqueú, Rosário, Maranhão no ano de 1970 pelo ornitólogo e acarologista do Museu Nacional (UFRJ), Herbert Franzoni Berla (1912-1985). As terminálias dissecadas foram clarificadas em solução de hidróxido de potássio a 10% por 24 horas, dissecadas em glicerina e, após suas ilustrações, acondicionadas em tubinhos próprios para terminálias, que foram espetados no mesmo alfinete do exemplar. O material examinado encontra-se depositado na coleção do Museu Nacional (MNRJ). Espécies distintas de *Cyrtoneuropsis* podem apresentar quetotaxia muito diferente e terminálias muito semelhantes, enquanto outras podem apresentar quetotaxia muito semelhante, podendo ser distintas apenas pela morfologia das terminálias. No caso da espécie nova, ela aproxima-se de *C. dubia* (Snyder, 1954) sendo morfológicamente bastante semelhante a ela, porém diferindo pela presença de uma mancha castanha clara na veia transversal dm-cu e principalmente pela morfologia bastante distinta das terminálias masculina e feminina. Em *C. dubia* a margem inferior da placa cercal dos machos apresenta duas projeções com ápice em ponta e o gonópodo apresenta uma projeção sub-mediana; na espécie nova as projeções da placa cercal são mais curtas e com ápice arredondado e o gonópodo não apresenta projeção. As diferenças mais marcantes estão, no entanto, no ovipositor, que em *C. dubia* é curto e apresenta disposição transversal de alguns tergitos enquanto na espécie nova, ele é médio e os tergitos estão dispostos longitudinalmente. A descrição desta nova espécie de *Cyrtoneuropsis* corresponde ao primeiro registro deste gênero no Maranhão.

Código: 197 - Diversidade Biológica da Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro
- Rede de Insetos Diptera: Muscidae, Fanniidae, Cecidomyiidae

GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI
VALÉRIA CID MAIA

A “Rede de Insetos” associou-se recentemente ao projeto “Diversidade biológica da Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro” desenvolvido com recursos da FAPERJ. O projeto teve início em 2004, tendo como objetivos principais mapear, inventariar, analisar e caracterizar a biodiversidade da Mata Atlântica localizada no Rio de Janeiro, incluindo a fauna, flora e microrganismos. A rede de insetos conta com 9 coordenadores que lideram equipes de trabalho constituídas por pesquisadores e estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museu Nacional e Instituto de Biologia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Fundação Instituto Oswaldo Cruz e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Neste trabalho, os autores, coordenador e participantes da equipe de Diptera, apresentam os resultados para as famílias Muscidae, Fanniidae e Cecidomyiidae. O levantamento dos dados teve como base um cuidadoso estudo da bibliografia e o exame de material depositado em coleções científicas. Estes dados foram consolidados e a informação disponível foi mapeada. Várias lacunas geográficas de informação foram identificadas, como praticamente toda a região norte do estado. Estes mapeamentos também auxiliarão na escolha de áreas prioritárias para coleta de dados primários. Estes estudos levarão à identificação de áreas de endemismo e maior riqueza de insetos, prioritárias para conservação, conhecimento e compreensão de padrões de distribuição das espécies. Em termos de diversidade, a família Muscidae está representada por 232 espécies, distribuídas em 49 gêneros; a família Fanniidae está representada por 30 espécies, distribuídas em 2 gêneros e a família Cecidomyiidae está representada por 137 espécies, distribuídos em 52 gêneros. Foram assinalados 86, 5 e 42 novos registros respectivamente, em comparação com o catálogo mais recentemente publicado sobre a fauna do Estado Rio de Janeiro.

Código: 198 - Dipterofauna da Ilha de Fernando de Noronha, Pernambuco (Brasil)

GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI

O arquipélago de Fernando de Noronha está situado na costa brasileira a 360 km de Natal, 710 km de Fortaleza e 545 km de Recife, sendo administrado pelo estado de Pernambuco. São ao todo 25 ilhas ou ilhotas de natureza vulcânica, tendo se originado a partir de uma erupção ocorrida a 12 milhões de anos, com a principal ilha detendo o nome do arquipélago, pois é a mais extensa com 17 km². O clima é tropical, com duas estações bem definidas: uma chuvosa, de janeiro a agosto, e uma seca no restante do ano. A temperatura média é de 25° C, com amplitude de 4,1°C e a umidade relativa do ar é em torno de 81,5 %. A vegetação terrestre do arquipélago é rasteira e arbustiva, composta de poucas espécies arbóreas. Embora vários projetos envolvendo grupos animais venham sendo desenvolvidos no arquipélago, quase não há registros sobre a dipterofauna da região, salvo cinco espécies pertencentes às famílias: Dolichopodidae, Syrphidae, Sarcophagidae e Culicidae. A presente comunicação trata dos resultados de coleta realizada por Olmiro Roppa em julho de 1973 na ilha de Fernando de Noronha. O material proveniente desta coleta foi depositado no laboratório de Diptera do Museu Nacional, UFRJ e foi recentemente triado, montado e identificado. Seus dados foram trabalhados com vistas a contribuir para o conhecimento da dipterofauna desta região. Foram triados um total de 11.515 indivíduos, pertencentes a oito famílias, dentre elas: Calliphoridae representada pelas espécies *Cochliomyia macellaria* (Fabricius) e *Phaenicia eximia* (Wiedemann); Fanniidae representada por machos de *Fannia pusio* (Wiedemann) e fêmeas do grupo *pusio*; Muscidae representada por seis espécies: *Atherigona orientalis* (Schiner), *Brontaea quadristigma* (Thomson),

Musca domestica (Linnaeus), *Cyrtoneuropsis rescita* (Walker), *Synthesiomyia nudiseta* (Wulp) e *Brontaea debilis* (Williston); Sarcophagidae representado por três espécies: *Peckia crysostoma* (Wiedemann), *Oxysarcodexia thornax* (Walker) e *Tricharaea occidua* (Fabricius); Sepsidae representado pelo gênero *Palaeosepsis* Duda; além de exemplares não identificados pertencentes às famílias Otitidae; Stratiomyidae e Tabanidae. Em termos de abundância de indivíduos, Sepsidae e Calliphoridae representaram a grande maioria do material, com 42,9% e 41,2 % respectivamente, totalizando mais de 80% do material examinado. A seguir, a família Muscidae, embora a mais diversificada, representou 10% do total, enquanto Sarcophagidae 5,2%. Todos os 12 táxons identificados em nível de espécie são novos registros.

**Código: 199 - Morfologia da Terminália de Quatro Espécies de
Spilogona schnabl (Diptera, Muscidae, Coenosiinae, Limnophorini)**

GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: MORFOLOGIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MÁRCIA SOUTO COURI

Spilogona Schnabl, 1911 (Diptera, Muscidae, Coenosiinae) é um gênero cosmopolita, mais numeroso em áreas elevadas; tem cerca de 300 espécies descritas, estando mais bem representado na região Neártica. Para a região Neotropical, oito espécies estão assinaladas. *Spilogona* pode ser segregado dos demais múscidas pela presença de dentes prestomais desenvolvidos, labela reduzida, cerdas dorsocentrais 2:3-4, esternito 1 nu, ovipositor moderadamente longo, asa sem cílio na base da nervura R4+5, na superfície dorsal. A morfologia da terminália masculina e do ovipositor são conhecidas fontes de caracteres diagnósticos entre os dípteros e, nesta contribuição, vêm complementar as descrições de quatro espécies de *Spilogona* - *S. golbachii* Snyder, *S. hirticeps* (Stein), *S. trichops* (Stein) e *S. semicinerea* (Stein). O material tipo das quatro espécies foi estudado e pertence às seguintes instituições: Fundación e Instituto Miguel Lillo (Argentina) e Staatliches Museum für Tierkunde (Alemanha). As terminálias dissecadas foram clarificadas em solução de hidróxido de potássio a 10% por 24 horas, dissecadas em glicerina e, após suas ilustrações, acondicionadas em tubinhos próprios para terminálias, que foram espetados no mesmo alfinete do exemplar. Nas terminálias masculinas das quatro espécies estudadas, dois grupos semelhantes morfológicamente podem ser observados; o primeiro formado por *S. golbachii* e *S. trichops* e o segundo formado por *S. hirticeps* e *S. semicinerea*. Nas duas primeiras o esternito 5 é alto e retangular e a placa cercal alargada, enquanto no segundo o esternito 5 é curto, em forma de semi-círculo, enquanto a placa cercal é alongada cerca de duas a três vezes mais alta que larga. *S. semicinerea* é a única espécie que apresenta microtriqueas no hipândrio.

Código: 361 - Nova Espécie de Baleja da Colômbia (*Insecta: Hemiptera: Cicadellidae: Cicadellini*)

LUIZ GABRIEL NOGUEIRA RODRIGUES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: GABRIEL LUÍS FIGUEIRA MEJDALANI

Baleja Melichar, 1926 é composto por cinco espécies: *B. discordans* Young, 1977, *B. flavoguttata* (Latreille, 1811), *B. marginula* (Osborn, 1926), *B. rufofasciata* (Distant, 1879) e *B. serratula* (Breddin, 1902). Esse gênero se distribui da Nicarágua ao Brasil e pode ser distinguido dos demais Cicadellini pela seguinte combinação de características: (1) ocelos localizados um pouco atrás da linha imaginária entre os ângulos anteriores dos olhos; (2) coroa sem fôvea mediana; (3) clipeo com margem apical côncava e formando um par de lobos laterais; (4) ápice das asas anteriores convexo; (5) paráfise ausente ou vestigial; e (6) haste do edeago direcionada dorsalmente ou posteriormente. Neste trabalho, uma nova espécie de Baleja é descrita e ilustrada com base em material das seguintes instituições: Instituto de Ciencias Naturales, Universidad Nacional de Colombia (Bogotá); Facultad de Ciencias Agrícolas, Universidad de Nariño (Pasto); Museu Nacional, UFRJ (Rio de Janeiro). A nova espécie pode ser diferenciada das demais do gênero pela seguinte combinação de características: padrão de coloração do dorso anterior (1) com mancha no ápice da coroa e (2) pequenas listras em suas margens laterais, castanho-amareladas; pronoto com (3) mancha amarela na metade anterior e com (4) margens laterais convergindo anteriormente; asas anteriores com (5) margem costal castanho-amarelada, formando três projeções subtriangulares; pigóforo do macho com (6) porção apical arredondada, com (7) macrocerdas na margem posterior e se estendendo um pouco anteriormente ao longo da margem ventral e com (8) par de processos espiniformes emergindo da porção ventral interna e se estendendo póstero-dorsalmente; valva masculina com margem posterior (9) muito côncava e separada das placas subgenitais por área membranosa de forma trapezoidal; edeago (10) pequeno, simples e sem processos; sétimo esternito abdominal da fêmea (11) com margens laterais fortemente convergentes posteriormente na metade apical, formando (12) projeção triangular com ápice arredondado. A nova espécie pôde ser posicionada em Baleja devido à forma do ápice do clipeo, que é côncavo com par de lobos laterais; por não possuir processos no edeago (o que a diferencia de *Jozima* Young, 1977), por não ter os ocelos muito próximos à margem posterior da coroa (o que a diferencia de *Parathona* Melichar, 1926) e por não possuir fôvea mediana na coroa (o que a diferencia de *Lebaja* Young, 1977). Além dessas características, a nova espécie é muito similar em termos de coloração a outras do gênero, tais como: *B. flavoguttata* (espécie tipo), *B. serratula* e *B. discordans*. Porém as diferenças na genitália masculina a distinguem dessas três e das demais. Uma outra característica da nova espécie é a presença de um par de escleritos lenticulares abaixo dos olhos, entre a gena e a fronte. Esse esclerito está presente em outros gêneros de Cicadellini, a maioria da América Central, e até agora não havia sido observado em Baleja.

Código: 495 - Porífera do Monte Submarino Almirante Saldanha
- Novas Ocorrências de *Erylus* para o Atlântico (*Demospongiae: Astrophorida: Geodiidae*)

WELINGTON FRANKLIN VIEIRA JUNIOR (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: BRUNO COSME DA SILVA GOMES
EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU

O monte submarino Almirante Saldanha, localizado no Sudoeste do Atlântico foi alvo de coletas no âmbito do programa REVIZEE - Score Central VI. Este monte submarino, com mais de 3000 m de altitude e com pico na faixa dos 100 metros de profundidade, está localizado na Bacia de Campos (divisa de RJ e ES), entre as latitudes 22°10' e 22°30' sul, e longitudes 37°25' e 37°50' Oeste. O gênero *Erylus* possui cerca de 60 espécies, das quais 30 ocorrendo no Atlântico e sete no Brasil (MOTHES et al., 1999; MORAES & MURICY, 2007). Até o final dos anos 90 apenas 3 espécies desse gênero foram descritas ou assinaladas para a costa brasileira. A partir do final dos anos 90, esse número foi aumentado para 7 espécies. Aqui são descritos dois morfotipos, possíveis espécies novas para a ciência, coletados no monte submarino Almirante Saldanha no âmbito do programa REVIZEE - Score Central. Os espécimes provêm da estação Y2 (Fig.1, 22°22'56"S - 37°35'15"W, 12/VI/2002, 250-500 m de profundidade), tendo sido coletados em fundo de rodolitos, por meio de dragagem. A identificação deu-se após o preparo de dissociações espiculares e cortes espessos, e seu estudo em microscopia óptica. A morfologia externa dos espécimes foi descrita a olho nu e sob microscópio estereoscópico (lupa). *Erylus* sp.1 - Material: MNRJ 6599; MNRJ 6594.A, B. Dentre as espécies comparadas, *Erylus goffrileri* (WIEDENMAYER, 1977) apresenta microrrâbdo do tipo micróxeas centrotilotas com tamanho semelhante, bem como óxeas e triênios. Entretanto a referida espécie possui apenas uma categoria de áster com forma e diâmetro distintas das duas categorias aqui descritas. Suas aspidâsteres também diferem na forma e medidas micrométricas. *Erylus* sp.2 - Material: MNRJ 6594.C; MNRJ 6420. Dentre as espécies de *Erylus* registradas para o Atlântico, *E. transiens* (WELTNER, 1882) assemelha-se quanto ao tamanho dos triênios, tamanho dos microrrâbdos, forma das aspidâsteres e número de categorias de oxiâsteres. Entretanto difere quanto à forma dos triênios, microrrâbdos, tamanho das óxeas e oxiâsteres. Como mencionado acima, haviam sete espécies de *Erylus* para a costa brasileira, que somadas com as duas espécies aqui registradas totalizam nove ocorrências para o Brasil, seis das quais assinaladas na última década, fazendo-nos acreditar que a riqueza de *Erylus* na costa brasileira ainda esteja sensivelmente subestimada.

Código: 615 - Anatomia Floral de *Castelnavia princeps* Tul. & Wedd. (*Podostemaceae*)

MÔNICA RIBEIRO GONÇALVES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: BÁRBARA DE SÁ HAIAD
CLÁUDIA PETEAN BOVE

Podostemaceae é uma família exclusivamente aquática cujos representantes ocorrem adpressos às rochas em corredeiras e cachoeiras. A família é atípica dentre as angiospermas pela ausência de dupla fertilização e de endosperma e pela difícil distinção entre raiz, caule e folha. A floração é caracteristicamente aérea, a antese ocorrendo após a exposição dos botões florais, quando o nível da água dos rios diminui. A morfologia radicalmente modificada, resultante de reduções e especializações, refletiu-se nos diversos posicionamentos que a família ocupou nos sistemas de classificação botânicos. Atualmente encontra-se na ordem Malpighiales, estreitamente relacionada com Clusiaceae, Bonnetiaceae e Hypericaceae. O objetivo deste trabalho foi descrever a anatomia floral de *Castelnavia princeps* Tul. & Wedd., contribuindo assim para o refinamento da sistemática do grupo. A espécie estudada apresenta, no talo, epiderme uniestratificada em ambas as faces e 25 camadas de parênquima cujas células possuem paredes espessadas e onde podem ser encontrados idioblastos cristalíferos e feixes vasculares, constituídos principalmente por floema e envoltos por bainha de colênquima anelar que, na face adaxial, alcança a epiderme. As células epidérmicas e as dos estratos subepidérmicos do parênquima apresentam amido. Na face abaxial foram identificados hapteras - longas estruturas unicelulares com a porção distal alargada, envolvidas na fixação da planta ao substrato. Os botões estão envoltos por espatelas de aspecto viloso que, em secção longitudinal, compõem-se de duas a seis camadas de células com paredes espessadas. As flores são perfeitas, possuem duas tépalas filiformes e alongadas, compostas por epiderme uniestratificada e dois estratos parênquimáticos. Os dois estames possuem filetes com epiderme uniestratificada e cerca de sete estratos de parênquima regular. Quando próximas à antera, as células epidérmicas apresentam conteúdo fenólico. A antera é biteca e rimosa, com um a três estratos parietais e endotécio apresentando espessamento em barra. Os grãos de pólen são triangulares, com citoplasma denso. O ovário é elíptico, com a região de fusão dos dois carpelos bastante evidente. Os estiletos emergem na porção distal e os estames na porção proximal, adjacentes às tépalas. A placentação é axial central. Os numerosos óvulos são bitegumentares, tenuinucelados, com dois a quatro estratos celulares no tegumento externo. As células são ricas em amido, sendo as mais externas portadoras de compostos fenólicos. A camada mais interna encontra-se colapsada e uma substância amorfa a separa do tegumento interno e preenche toda a região da micrópila. O tegumento interno envolve o nucelo, apenas na região ocupada pelo plasmódio nucelar e apresenta de um a dois estratos celulares. Uma camada nucelar envolve o saco embrionário e uma ou duas circundam o plasmódio nucelar, estas formadas por células grandes, arredondadas, ricas em compostos fenólicos.

**Código: 631 - Diversidade do Fitoplâncton de Rios e Reservatórios da
Região Hidrográfica do Rio Uruguai: Influência da Bacia de Drenagem**

MARIANA ORICHIO MELLO APPEL (CNPq-IC Balcão)

Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS

Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR

Este projeto é parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel pelo curso de Ciências Biológicas, Ecologia da UFRJ. Insere-se num projeto mais amplo (Brasil das Águas: em busca das águas puras do Brasil) que tem como objetivo diagnosticar a qualidade das águas brasileiras. Por ser um refinado sensor dessa qualidade, o fitoplâncton pode ser eficiente indicador das mudanças naturais e antrópicas. Diferentes comunidades fitoplantônicas, quanto a sua abundância e composição, ocorrem em função dos sistemas serem lóticos ou lênticos, do estado trófico e do grau de turbidez das águas. Dessa forma, são importantes os estudos que abordem a diversidade, composição e abundância das populações fitoplanctônicas em relação à qualidade da água. Para o projeto como um todo, foram amostrados 1.250 pontos a partir de um hidroavião em movimento nas 11 regiões hidrográficas brasileiras. No presente estudo, será analisada a diversidade fitoplanctônica de uma dessas regiões - a região hidrográfica do rio Uruguai, RS e SC - e sua relação com as características limnológicas e com o uso do solo, onde os corpos e cursos de água se inserem. Parte da bacia hidrográfica é submetida a forte impacto antrópico exercido pela agro-indústria. Com base na literatura e nos conhecimentos prévios da bacia do Rio Uruguai, foram elaboradas as seguintes hipóteses de trabalho: 1) quanto à composição: i) as diatomáceas serão as algas dominantes em ambientes lóticos, por possuírem frústulas silicosas o que as tornam mais densas e, portanto, melhor adaptadas a ambientes turbulentos; ii) populações nanoplantônicas (<20 µm) também podem dominar sistemas lóticos que, por serem organismos pequenos, com altas taxas de reprodução, permite seu acúmulo em relação ao fluxo dos rios; iii) os grupos dominantes em sistemas lóticos e lênticos estarão relacionados ao estado trófico, à reserva alcalina e à turbidez da água; e 2) quanto à abundância: i) será maior em reservatórios do que rios; ii) será maior em trechos intermediários dos rios; e iii) será menor em reservatórios e rios turbidos. Além disso, espera-se encontrar uma menor diversidade do fitoplâncton em sub-bacias submetidas a um maior impacto antrópico. Com o objetivo de verificar as hipóteses descritas, foram amostrados 35 pontos da bacia do Rio Uruguai, abrangendo quatro reservatórios e as sub-bacias dos rios Passo Fundo, Sta Maria, do Peixe, Rio Ibicuí e o próprio rio Uruguai. As amostras foram coletadas entre 16 e 20 de janeiro de 2004, fixadas com solução de Lugol e serão quantificadas pelo método da sedimentação de Utermöhl (1958). A alfa diversidade será avaliada pela riqueza de espécies e pelo índice de Shannon & Wiener; a beta diversidade pelo índice de Harrison et al. (1992) e a gama diversidade pelo número total de espécies registradas na bacia hidrográfica como um todo. O uso do solo será avaliado por outros integrantes do projeto, através de classificação digital levando-se em conta as classes de cobertura do solo.

Código: 740 - Anatomia Floral de *Croton* sp. - *Euphorbiaceae*

THIAGO VIEGAS DE OLIVEIRA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: RITA DE CÁSSIA RIBEIRO GAMA

BÁRBARA DE SÁ HAIAD

LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S. FERNANDES

Estudos de anatomia há muito vêm sendo empregados na caracterização de Euphorbiaceae Juss. Para a distinção das subfamílias, a estrutura de óvulos e sementes, em especial o padrão de vascularização, foi um dos caracteres utilizados, tendo sido também considerado quando da elevação daquelas à categoria de famílias. Euphorbiaceae s.s. abrange 6300 espécies distribuídas em 245 gêneros. Mesmo nesta circunscrição mais restrita, a família permanece como uma das maiores das angiospermas, apresentando nove diferentes linhagens e destacando-se na ordem Malpighiales pela riqueza de espécies, diversidade morfológica e fitoquímica e importância econômica. *Croton* é um gênero com ampla distribuição nas regiões tropicais e subtropicais, pertence à linhagem dos crotonóides inaperturados e subdivide-se em 40 seções. Nesta pesquisa objetivou-se contribuir para o refinamento da sistemática deste grupo e para a delimitação das seções de *Croton*, através de estudos de anatomia e desenvolvimento florais de *Croton* aff. *celtidifolius* Baill., seção *Cyclostigma* Griseb. Os representantes desta espécie são arvoretas ou árvores monóicas de até 10m de altura e apresentam látex amarelo. As inflorescências terminais são racemos de dicásios, os dicásios basais apresentando uma flor pistilada e duas estaminadas. As flores são pentâmeras e o perianto é diferenciado em cálice e corola. As flores estaminadas possuem androceu com cerca de 50 estames férteis. Nestas, a periferia do receptáculo é diferenciada num disco nectarífero discretamente lobado, revestido por epiderme rica em amido, com estômatos, e parênquima secretor. Feixes colaterais provenientes do pedúnculo irrigam o parênquima. Laticíferos acompanham o tecido vascular. A sépala é delgada na região mediana, com epiderme uniestratificada em ambas as faces e mesofilo composto por parênquima regular e feixes vasculares colaterais. A pétala é delgada na região mediana, com epiderme uniestratificada em ambas as faces e mesofilo composto por parênquima regular, exibindo idioblastos drusíferos e feixes vasculares colaterais. Nos bordos, a presença de uma única camada de parênquima, quase permite o contato entre as duas faces da epiderme. O filete apresenta epiderme uniestratificada, mesofilo com três a quatro camadas de parênquima regular e um feixe vascular colateral central. A antera biteca e rimosa exhibe, na porção mediana, epiderme uniestratificada papilosa, endotécio com espessamento em forma de trapézio alongado e tapete degenerado. A epiderme na região entre as tecas é simples,

e o parênquima regular composto por cinco estratos celulares, com idioblastos drusíferos e feixe vascular colateral. Os grãos de pólen são grandes, apolares, esferoidais, inaperturados, com padrão croton de ornamentação. As flores pistiladas possuem estiletos ramificados. O ovário é sincárpico, tricarpelar, trilocular, com um óvulo por lóculo. Os óvulos são anátropos, crassinucelares, bitégmicos, com tegumento interno vascularizado.

Código: 741 - Anatomia da Flor Pistilada de *Cleome rosea* Vahl. ex Dc. (Cleomaceae)

ISABELLA VERÍSSIMO NADER HADAD (CNPq/PIBIC)

CAMILA DE ARAÚJO TORRES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: RITA DE CÁSSIA RIBEIRO GAMA
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES

O gênero *Cleome* integra a subfamília Cleomoideae. O gênero inclui aproximadamente 200 espécies, destas, 28 ocorrem no Brasil. Recentemente mudança na interpretação da filogenia do grupo levou *Cleome* a compartilhar o mesmo clado com a planta modelo *Arabidopsis thaliana* (L.) Heynh. (Brassicaceae). *Cleome rosea* é uma erva de ciclo de vida anual, autocompatível e de crescimento rápido. O arranjo das flores é alternado, reunidas em racemos corimbiformes. A espécie se destaca pelo riquíssimo padrão de expressão sexual, tanto nas populações naturais como naquelas em cultivo. Flores perfeitas, estaminadas, pistiladas e estéreis são emitidas em seqüências que variam ao longo do eixo da inflorescência e permitem caracterizar os indivíduos em plantas ginóicas com produção de flores pistiladas, plantas andromonóicas com flores perfeitas e estaminadas e plantas trimonóicas, que reúnem os três tipos de flores, ocorrendo ainda emissão de flores estéreis nos três tipos de plantas. Este trabalho objetivou descrever a morfo-anatomia das flores pistiladas típicas dos indivíduos ginóicos. A sépala possui a epiderme uniestratificada com células ligeiramente papilosas, estômatos e tricomas simples. O mesofilo é composto por parênquima clorofiliano regular com pequenos espaços intercelulares e feixes vasculares colaterais. A epiderme da pétala é uniestratificada e papilosa, o mesofilo é constituído de parênquima desprovido de cloroplastos com espaços intercelulares e feixes colaterais. O androginóforo apresenta epiderme uniestratificada, seguida pelo tecido nectarífero. No botão em pré-antese há o aparecimento de fendas no receptáculo, local de liberação do néctar. O androginóforo é composto de parênquima regular com pequenos espaços intercelulares, possuindo feixes vasculares que irrigarão as pétalas, estames e o gineceu. O estaminódio exibe um filete reduzido que apresenta epiderme uniestratificada. O mesofilo é constituído de parênquima regular e um feixe vascular colateral. Na antera a epiderme tem a parede periclinal externa ligeiramente alongada. O endotécio, os extratos parietais e o tapete encontram-se colapsados, reduzidos a uma única faixa de restos celulares. O conectivo é constituído por parênquima regular e feixe vascular colateral. Algumas células epidérmicas da face abaxial encontram-se diferenciadas em forma de leque. O ginóforo exibe epiderme uniestratificada, parênquima cortical e feixe vascular. A parede do ovário é composta por epiderme papilosa, com estômatos, tricomas, parênquima regular e dois feixes vasculares. Um septo forma-se junto aos feixes laterais delimitando dois lóculos, exceto na base onde se apresenta incompleto. A epiderme que reveste os lóculos é uniestratificada, constituída por células grandes de paredes delgadas. O estilete tem o mesmo padrão anatômico do ovário. O estigma é papiloso.

Código: 840 - Compatibilidade Gamética entre Morfotipos da Estrela-do-Mar *Echinaster (Othilia) brasiliensis*

BEATRIZ BASTOS FONSECA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ZOOLOGIA APLICADA

Orientação: CARLOS RENATO REZENDE VENTURA

As espécies do gênero *Echinaster* Muller & Troschel, 1840 são as mais comuns no litoral brasileiro. O objetivo deste projeto é identificar e comparar os morfotipos de *E. (O.) brasiliensis* utilizando aspectos reprodutivos, embrionários e ontogenéticos. Foram coletados oito indivíduos na Praia de João Fernandez e dois na Praia da Ferradura (Búzios-RJ). Estes foram separados de acordo com seu morfotipo em aquários e mantidos no laboratório. A liberação de gametas e a conseqüente fertilização ocorreram espontaneamente nos aquários, sem que houvesse um controle. Os embriões e juvenis foram separados, colocados em outro aquário de menor porte e mantidos em uma incubadora com fotoperíodo e temperatura controlada (20°C). Os juvenis foram fotografados e acompanhados por 128 dias, em intervalos semanais. O raio maior e raio menor tanto dos adultos quanto dos juvenis foram medidos. Nos adultos, duas medidas de perímetro do braço também foram aferidas (P1, mais proximal e P2, mais distal) a fim de caracterizar os morfotipos. A forma dos braços dos adultos foi caracterizada pela diferença entre o perímetro proximal e distal dividida pelo perímetro proximal [(P1-P2)/P1]. Seis estágios de desenvolvimento, desde a fertilização até o juvenil, foram registrados: gástrula, braquiolária I, braquiolária II, metamorfose, assentamento e juvenil. A larva de *E. brasiliensis* é lecitotrófica e planctônica com curta duração na coluna d'água. No primeiro dia após a fertilização, houve o desenvolvimento da gástrula. No terceiro dia, ocorreu a formação da braquiolária I. No sétimo dia, ocorreu a formação da braquiolária II. A metamorfose ocorre no oitavo dia. O assentamento ocorre no nono dia. No décimo quinto dia, houve o desenvolvimento dos juvenis. Algumas metas ainda não foram alcançadas devido a imprevistos relacionados com a manutenção dos adultos e o controle da fertilização. Será realizado o experimento de fertilização entre fêmeas e machos de cada morfotipo e entre fêmeas e machos de morfotipos diferentes. As liberações espontâneas de gametas nos aquários não permitiram o controle.

**Código: 985 - Levantamento Taxonômico das Espécies da Subordem
Doridacea (Mollusca, Gastropoda, Nudibranchia) da Praia do Forno, Arraial do Cabo, RJ, Brasil**

JULIANA BATISTA ALVIM (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: ALEXANDRE DIAS PIMENTA

Poucos trabalhos sobre nudibrânquios foram realizados no Brasil, sendo o conhecimento sobre o grupo devido, principalmente, aos trabalhos de Ernst Marcus e Eveline Marcus entre as décadas de 1950 e 1980. A subordem Doridacea, em particular está representada no Brasil por 45 espécies, número considerado subestimado, frente às 2000 espécies reportadas para o mundo. Com objetivo de contribuir para ampliação do conhecimento do grupo, coletas mensais foram realizadas durante dois anos (de março de 2006 a março de 2008) através de mergulhos livres no costão rochoso do lado direito da Praia do Forno. Foram coletados 187 exemplares, pertencentes a seis famílias, entre os quais foram identificadas 14 espécies: *Goniodoris mimula* Marcus, 1955; *Okenia cf. evelinae* Ev. Marcus, 1957; *Okenia cf. sapolona* Er. Marcus & Ev. Marcus, 1967; *Geitodoris pusae* (Er. Marcus, 1955); *Rostanga byga* Er. Marcus, 1958; *Dendrodoris krebsii* (Mörch, 1863); *Onchidoris depressa* (Alder & Hancock, 1842); *Cadlina rumia* Er. Marcus, 1955; *Chromodoris paulomarcioi* Domínguez et al., 2006; *Chromodoris binza* Marcus & Marcus, 1963; *Chromodoris cf. clenchi* (Russel, 1935); *Chromodoris neona* (Marcus, 1955); *Tyrinna evelinae* (Er. Marcus, 1958); *Diaulula greeleyi* (MacFarland, 1909); além de outros cinco táxons, pertencentes a dois gêneros: *Doris* sp. 1; *Doris* sp. 2; *Doris* sp. 3; *Hypselodoris* sp. 1; *Hypselodoris* sp. 2. Os exemplares foram fotografados e mensurados vivos, com análise dos padrões de coloração, e quando possível observação de dados de postura, sendo em seguida anestesiados e fixados em formalina a 4%. Em laboratório, foram feitas descrições da morfologia externa e da rádula para cada espécie. O presente trabalho apresenta a primeira ocorrência de *Okenia cf. sapolona* e *Onchidoris depressa* para o Atlântico Sul, e de *Goniodoris mimula*, *Okenia cf. evelinae*, *Chromodoris cf. clenchi* e do gênero *Rostanga* para o estado do Rio de Janeiro. Com este trabalho, constatamos que a subordem Doridacea ainda é um grupo muito pouco estudado, com uma diversidade ainda pouco explorada representada pelo número de espécies a conferir e os táxons identificados apenas em nível genérico.

Código: 1560 - Organização das Amostras de Rochas Provenientes da Antártica na Coleção Didática de Rochas Sedimentares do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional

PAULA FERNANDES DA SILVA (IC-Junior)

Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS

Durante a permanência da equipe do Museu Nacional (Projeto PALEOANTAR) na Ilha James Ross, Península Antártica, nos meses de janeiro e fevereiro de 2007, foram coletadas algumas centenas de fósseis de animais e vegetais, bem como amostras de rochas sedimentares e vulcânicas, as primeiras desta região a enriquecerem o valioso acervo das coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia. No setor norte da Ilha James Ross, afloram sucessões sedimentares de idade cretácea, pertencentes à bacia Larsen, incluídas nas formações Whisky Bay, Hidden Lake e Santa Marta. Estas são capeadas por rochas vulcânicas neógenas (brechas hialoclásticas e basaltos) pertencentes ao Grupo Vulcânico Ilha James Ross. Durante os trabalhos de campo, foram elaborados 465 m de perfis estratigráficos detalhados na escala 1:100, compreendendo todas as unidades mesozóicas aflorantes na área, e coletadas 196 amostras de rochas sedimentares, que foram cuidadosamente posicionadas nos perfis. Foram ainda coletadas 60 amostras de rochas sedimentares e vulcânicas cuja tipologia e características texturais foram consideradas notáveis para fins didáticos. Também foram coletadas durante a elaboração dos perfis e caminhamentos na região, 32 amostras de carvão e troncos carbonizados, que perfazem mais de 200 fragmentos analisáveis. A exceção destas últimas, que foram incorporadas à Coleção de Paleobotânica, todas as outras vêm sendo incorporadas à Coleção Didática de Rochas Sedimentares, cujo acervo vem sendo formado desde 2005. As 104 amostras da Formação Whisky Bay vêm sendo gradativamente encaminhadas ao Laboratório de Laminação do DGP para a elaboração de lâminas delgadas visando, através da análise petrográfica, a classificação das rochas sedimentares, bem como estudos de proveniência (caracterização das áreas-fonte da bacia Larsen). Várias dessas amostras vêm sendo utilizadas nas aulas práticas de Sedimentologia para disciplinas dos cursos de Mestrado em Arqueologia (DA/MN) e de Especialização em Geologia do Quaternário (DGP/MN).

Código: 1733 - Em Busca de Fragmentos da História do Brasil no Museu Nacional/UFRJ

JULIANA BACELAR DE MATOS (Bolsa de Projeto)

Área Básica: HISTÓRIA DO BRASIL

Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados iniciais da participação da aluna de graduação no projeto “Guia do Acervo Artístico, Histórico e Científico de D. Pedro II existente no Museu Nacional/UFRJ”, visando dar continuidade ao levantamento dos objetos e marcas da monarquia ainda encontradas na Instituição. A presente projeto surgiu a partir da crescente cobrança dos visitantes do Museu Nacional que clamam por uma existência de objetos que auxiliem a compreensão da história do palácio - palco da História do Brasil durante o século XIX. O Museu Nacional, instituição científica criada em 1818 por D. João VI, foi transferida para o palácio

(ex-residência dos imperadores) em 1892, por ocasião do banimento da família imperial deposta (em 1889) fato que visou o fortalecimento da proclamação da República. Desde então, o Museu Nacional ocupa o palácio, e por ser um museu dedicado às ciências naturais, ao longo desses 116 anos não teve ações que se debruçassem sobre os vestígios monárquicos ainda existentes em seu interior, assim como em produzir um discurso institucional sobre a sua História. Serão pormenorizados: a metodologia utilizada pela aluna no trato com a documentação utilizada na pesquisa histórica e a problemática de elementos que narram parte da História do Brasil em um museu de história natural e antropológica. O projeto proporcionará a familiarização do aluno de graduação com fontes da Seção de Memória e Arquivo o que permitirá sua ambientação com a pesquisa e análise histórica.

Código: 229 - Euphorbiaceae Juss. na APA do Engenho Pequeno, S. Gonçalo, RJ

SARAH DARIO ALVES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DE FANEROGAMOS

Orientação: LUCI DE SENNA VALLE

A APA do Engenho Pequeno constitui-se em um importante remanescente da Mata Atlântica, circunscrevendo cerca de 140ha de área. Apesar de ter sido estabelecida como Unidade de Conservação em 1991, a área continua sofrendo com a ação antrópica, principalmente sob a forma de incêndios e desmatamentos. Euphorbiaceae é uma importante família de Angiospermas e encontra-se amplamente distribuída nos trópicos. No Brasil, existem cerca de 1100 espécies distribuídas em 80 gêneros, ocorrendo em quase todos os tipos de hábitat. O levantamento das espécies ocorrentes na APA do Engenho Pequeno registrou 24 espécies que são: *Acalypha communis* Mull. Arg.; *Actinostemon communis* (Mull. Arg.) Pax.; *Chamaesyce prostrata* (Aiton) Small.; *Chamaesyce hyssopifolia* (L.); *Chamaesyce hita* (L.) Millsp.; *Cnidoscopus urens* (L.) Arthur; *Croton glandulosus* L.; *Croton lobatus* (L.) Small; *Dalechampia brasiliensis* Baill.; *Dalechampia convolvuloides* Lam.; *Ditaxis simoniana* Casar.; *Euphorbia comosa* Vell.; *Euphorbia graminea* Jacq.; *Euphorbia heterophylla* L. *Jatropha gossypifolia* L.; *Joanesia princeps* Vell; *Julocroton fuscences* Baill.; *Pera leandri* Baill; *Ricinus communis* L.; *Romanoa tamnoides* (A.Juss.) Radcl.-Smith.; *Tragia volubilis* L. Das 24 espécies: 10 são herbáceas (41,6%), 9 são arbustivas (37,5%), 4 são lianas (16,6%), 1 é arbórea (4,1%). Além disso, 17 são nativas e 7 são introduzidas. Dos 16 gêneros registrados, os mais representativos em número foram: *Euphorbia* (4), *Chamaesyce* (3) *Dalechampia* (2) e *Croton* (2). Segundo a Lista Vermelha da IUCN (2004) *Joanesia princeps* encontra-se na categoria de vulnerável e *Euphorbia tirucalli* na categoria de "Least Concern" (LC), ou seja, menor preocupação. As plantas indicadas para uso na medicina popular foram: *Acalypha communis*; *Chamaesyce prostrata*; *Cnidoscopus urens*; *Euphorbia tirucalli*; *Jatropha gossypifolia*; *Joanesia princeps*; *Ricinus communis*; *Tragia volubilis*. Alguns táxons como *Pera leandri*; *Julocroton fuscens* e *Euphorbia comosa* são encontradas em áreas antropizadas, de mata aberta e de vegetação secundária. Isso se deve à característica da área, que apesar de ser uma área de proteção ambiental (APA), sofre grande pressão da comunidade que se estabelece ao seu redor. A APAEP é atingida com constantes queimadas e já foi uma área de Engenho, por esse motivo, e por ser constituída por mata secundária e terciária, não foram encontradas muitas espécies que se enquadrassem nas categorias citadas pela IUCN, apenas *Joanesia princeps*.

Código: 645 - Floração de Cianobactérias em Sistemas Lóticos: O Caso do Rio Paraíba do Sul

ROBERTO ABRANTES FIRME (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS

Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR
LUCIANA SILVA DA COSTA

Florações de cianobactérias têm sido registradas de maneira crescente no Brasil e no mundo, sobretudo em sistemas lênticos, por serem organismos adaptados a sistemas estratificados com alta constância ambiental. Ocorrência de tais florações não é esperada em sistemas lóticos. Este estudo visa o reconhecimento do padrão temporal do fitoplâncton no Rio Paraíba do Sul, cuja bacia tem importância substancial para a região Sudeste do Brasil. Este rio sofre forte influência antrópica, recebendo efluentes domésticos e industriais, compostos agrotóxicos, sendo amplamente utilizado para fins industriais, para irrigação de extensas áreas de agricultura e para o abastecimento público. Foram coletadas amostras de agosto a novembro (02/08, 19/09, 02/10, 16/10, 21/10, 22/10, 23/10, 24/10, 01/11, 04/11) de 2002. Variáveis hidrológicas, climatológicas e limnológicas foram avaliadas. Neste período as águas apresentaram-se pouco enriquecidas (fósforo total, $PT = 0,8-1,2 \mu M$), circumneutras (6,2 a 7,1) e com concentrações relativamente elevadas de nitrogênio inorgânico dissolvido, NID (28 a 36 μM). Foram encontrados 130 táxons distribuídos em sete classes, com predominância de clorofíceas (58 táxons) seguidas pelas cianobactérias (27 táxons) e diatomáceas (22 táxons). Os atributos fitoplanctônicos analisados foram densidade (ind mL⁻¹, céls mL⁻¹), biovolume (mm³ L⁻¹), riqueza de espécies (táxons por amostra) e diversidade (bits mm⁻³). Diatomáceas (*Aulacoseira granulata* var. *granulata*) predominaram em biovolume até 16/10/02 sendo então substituídas pelas cianobactérias, cuja contribuição foi declinando em direção ao final do mês de outubro, alternando para a dominância de clorofíceas (*Desmodesmus* spp.). Nas amostras analisadas houve um máximo de cianobactérias (14 mm³ L⁻¹) e densidade (35832 céls mL⁻¹) em 21 de outubro, seguido de um declínio brusco em direção a 22 de outubro. O desenvolvimento maior de cianobactérias não foi resultante de fatores esperados que levem a sua dominância, como por exemplo, baixas concentrações de nitrogênio inorgânico dissolvido, alto pH e altas concentrações de fósforo total. Parece ser que um período relativamente prolongado de baixa vazão

(junho a outubro de 2002; 117 a 286 m³/s) e um aumento de temperatura de 22,5 para 27°C favoreceram o domínio de cianobactérias. A diversidade e riqueza de espécies foram relativamente baixas com valores medianos de 2,6 bits mm⁻³ e 33 táxons por amostra, respectivamente. Isto sugere que o Rio Paraíba do Sul é um ambiente pouco diverso com dominância de espécies típicas de ambientes eutrofizados, passível de alto desenvolvimento de cianobactérias em períodos de baixa vazão.

Código: 819 - Relações de Endemismo de Peixes entre Bacias Hidrográficas do Leste do Brasil

MARIA CLARA NUNES RAMOS CHAVES (Sem Bolsa)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP

Rios costeiros que deságuam no Oceano Atlântico, no Leste do Brasil, têm sido bastante estudados devido ao alto grau de endemismo de peixes (Menezes, 1972; Costa, 1996). Este endemismo está relacionado à existência de barreiras biogeográficas associadas a eventos vicariantes, que podem ter ocasionado a especiação alopatrica de peixes de água doce. O objetivo do trabalho é investigar as relações entre 12 bacias da costa leste brasileira (Arembepe, Paraguaçu, Jequiriçá, Contas, Pardo, Jequitinhonha, Mucuri, Itaúnas, Doce, Timbuí, Itapemirim e Itabapoana) compreendidas entre a foz do São Francisco e a foz do Paraíba do Sul. Foram estudados 10.021 exemplares depositados na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ, além de material complementar proveniente de outras coleções científicas. As relações entre as 12 bacias do estudo foram estabelecidas através da Análise de Parcimônia de Endemismo (PAE). Este tipo de análise é similar a uma análise filogenética, porém as táxons correspondem às bacias, e os caracteres correspondem às espécies presentes nas bacias. Para a execução da análise foi utilizado o programa de computador PAUP* 4.0 (Phylogenetic Analysis Using Parsimony). Uma análise preliminar realizada com base em 45 espécies com distribuição informativa (após exclusão das espécies introduzidas artificialmente e com distribuição em todas as bacias ou restrita a uma única bacia) produziu 8 cladogramas de área. Os índices de consistência e de retenção foram, respectivamente, de 0,53 e 0,50. O cladograma de consenso mostra concordância quanto às relações entre as bacias da porção sul e conflito quanto às relações entre as bacias da porção norte: (Pardo, Jequitinhonha), (Mucuri, Doce), (Itaúnas), (Itapemirim, Itabapoana), (Timbuí). Todos os cladogramas mostram um componente unindo Pardo e Jequitinhonha, o que pode indicar que durante o período de regressão marinha do Pleistoceno eles teriam compartilhado a mesma foz. As bacias do sul correspondem aos rios que drenam áreas montanhosas da Mata Atlântica. Destacam-se as relações entre Mucuri e Doce, e entre Itapemirim e Itabapoana. Apesar da proximidade geográfica com estas bacias, Itaúnas e Timbuí estão mais afastados no cladograma de áreas, o que pode ser explicado por sua baixa diversidade, visto tratar-se de bacias relativamente pequenas e pouco amostradas. (Apoio Financeiro: CNPq Proc. 309711/2006-1, 474788/2006-7, 502975/2005-9). Referências: Costa, W.J.E.M. 1996. Phylogenetic and biogeographic analysis of the neotropical annual fish genus *Simpsonichthys* (Cyprinodontiformes: Rivulidae). *Journal of Comparative Biology* 1: 129-140. Menezes, N. A. 1972. Distribuição e origem da fauna de peixes de água - doce das grandes bacias fluviais do Brasil, p. 73-78. In: Poluição e Piscicultura. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP, Instituto de Pesca, CPRN.

Código: 844 - Comparação Morfológica entre os Morfotipos de Cor de *Paracentrotus gaimardi* (Blainville) (Echinodermata; Echinoidea)

ELINIA MEDEIROS LOPES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ZOOLOGIA APLICADA

Orientação: CARLOS RENATO REZENDE VENTURA

Paracentrotus gaimardi apresenta uma grande variação de cor em seus espinhos, o que torna possível distinguir facilmente cinco morfotipos (preto, castanho, cinza, rosa e verde). Comparações morfológicas são necessárias para aprofundar o conhecimento do status taxonômico, além de serem importantes para o melhor entendimento das variações intraespecíficas. O objetivo deste trabalho é comparar morfológicamente os morfotipos de *P. gaimardi* de acordo com as características diagnósticas. Os espécimes foram coletados na Praia Vermelha-RJ e fixados em álcool 70%. Os ouriços foram colocados em béquer com solução diluída de NaClO por 5 minutos para a remoção da matéria orgânica, evidenciando os caracteres da carapaça e removendo as pedicelárias. A solução foi filtrada em rede de 50 micro ml e diluída em 10ml de água. A estimativa da porcentagem de cada tipo de pedicelária foi realizada através de contagens utilizando uma câmara Sedgewick-Rafter. Os tipos de pedicelárias, sua localização na carapaça e o sistema apical nos espécimes foram observados em lupa. As porcentagens dos tipos de pedicelárias nos morfotipos foram comparadas através do teste qui-quadrado. Foi calculada a regressão linear entre o número médio de tubérculos das placas genitais e o diâmetro da carapaça para indivíduos de cada morfotipo. A significância de cada regressão foi estimada e as inclinações das retas de regressão foram comparadas pelo teste T de Student. Não foi encontrada uma diferença significativa quando comparados os valores médios de cada tipo de pedicelária por morfotipo (qui quadrado, $p > 0,001$). As pedicelárias tridentadas maiores e menores foram raramente encontradas. As trifoliadas foram as mais abundantes, seguidas pelas oficéfalas, globíferas maiores e globíferas menores. A relação entre o número de tubérculos e o diâmetro da carapaça foi significativa para os morfotipos verde, rosa, castanho e cinza. Esta relação foi diferente quando comparados os morfotipos rosa e cinza, rosa e verde, cinza e verde e verde e preto. Todas as características diagnósticas foram identificadas nos espécimes analisados. Estas não diferiram entre os morfotipos de cor, entretanto, foi observado um padrão ainda não descrito de distribuição de cada tipo de pedicelária na carapaça. Globíferas maiores encontram-se na superfície aboral, enquanto as globíferas menores encontram-se na superfície oral.

Os dois tipos de tridentadas encontram-se na região oral e as trifoliadas e oficéfalas por toda superfície. Porém, ao redor da boca, há um tipo de oficéfala menor com base mais larga que não foi descrito para a espécie. Portanto, a distribuição das pedicelárias e o tipo oficéfala menor encontrado consistem em novas características morfológicas para *P. gaimardi*. A ocorrência de tubérculos nas placas genitais é variável de acordo com o tamanho dos espécimes e entre os morfotipos de cor. Sugere-se a comparação mais detalhada das ultra-estruturas das pedicelárias entre os morfotipos.

**Código: 1990 - Uma Nova Espécie de *Tedania* (*Trachytodania*)
(*Demospongiae*, *Poecilosclerida*) do Rio de Janeiro, RJ**

VITOR CORRÊA SEQUEIRA TAVARES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ZOOLOGIA APLICADA

Orientação: GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY

O Estado do Rio de Janeiro tem sua espongofauna relativamente bem conhecida, principalmente em Arraial do Cabo e Búzios. No Rio de Janeiro, as coletas foram concentradas nas Ilhas Cagarras, de onde se conhecem mais de 40 espécies. Uma nova espécie do gênero *Tedania* (*Trachytodania*) foi encontrada na Ilha Redonda, que está cerca de 9 Km ao sul da praia de Ipanema, RJ. Este trabalho tem como objetivo descrever e classificar essa nova espécie. As coletas foram realizadas através de mergulho autônomo até 25m de profundidade. O subgênero *Trachytodania* se caracteriza por conter tornotos mucronados no ectosoma e megascleras coanossomais (estilos) menores que 350 µm. O espécime coletado tem cor amarela in vivo e bege após ser fixado. Os ósculos são irregulares variando de 1,5 - 4 mm e estão espalhados pela superfície. Sua consistência firme e pouco elástica. O esqueleto tem reticulação vaga com feixes espiculares ascendentes, às vezes atravessando a superfície. Feixes primários conectados por feixes secundários uniespiculares ou pauciespiculares formam malhas irregulares. Espículas: estilos lisos, levemente curvos, com a curvatura central ou próxima à extremidade arredondada (212,4-231,9-249,5 mm de comprimento e 5,1-7,4 mm de largura); tornotos lisos, retos ou ligeiramente curvados, com a curvatura próxima a uma das extremidades (180,3-193,4-210 mm de comprimento e 2,5 mm de largura); oniquetas espinadas, retas ou levemente curvadas em uma das extremidades (34,6-111-162,6 mm). *Tedania* (*Trachytodania*) sp. n. difere de *T. (T.) patagonica*, *T. (T.) biraphidora*, *T. (T.) ferrolensis*, *T. (T.) microrhaphidophora*, *T. (T.) spinostylota*, *T. (T.) inflata* e *T. (T.) spinata* principalmente por não conter acantóstilos. *Tedania* (*Trachytodania*) *gurjanovae*, *T. (T.) mucosa* e de *T. (T.) murdochi* se assemelham a *Tedania* (*Trachytodania*) sp. n. por não possuírem acantóstilos e diferem por possuir estilos consideravelmente maiores e mais largos. Este é o segundo registro mais setentrional desse subgênero no Atlântico.

Código: 3202 - Cem Anos do Misterioso Impacto Cósmico de Tunguska

DEBORAH ACEDO GUEDES (IC-Junior)

Área Básica: ASTRONOMIA DE POSIÇÃO E MECÂNICA CELESTE

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

A exatamente um século, às 7:17h da manhã do 30 de junho de 1908 houve uma grande explosão sobre os céus de Tunguska, uma região muito isolada da Sibéria. O vilarejo mais próximo fica a 65km ao sul, de lá foi avistado uma grande bola de fogo no céu que explodiu tremendo violentamente o chão. O abalo sísmico chegou a 5.0 na escala Richter, sendo sentido a mais de 1.000km de distância e o céu da Europa ficou tão claro que não houve noite. Estima-se que tenha liberado uma energia 1.000 vezes maior que da bomba de Hirochima. Derrubou 2.150 quilômetros quadrados de árvores e a região até hoje não se recuperou totalmente. O primeiro pesquisador do evento só chegou a região quase 20 anos após o evento e encontrou as árvores em volta inclinadas para fora do enorme círculo de 60 quilômetros e as do centro continuaram de pé e o mais curioso é que não foi formada nenhuma cratera no epicentro da catástrofe. O local tem sido bastante estudado por pesquisadores dos mais diversos ramos e até ufólogos. Tem-se determinado modelos matemáticos para impactos cósmicos de cometas e asteróides, analisado as partículas do solo e dos troncos de árvores principalmente as que sofreram mutações genéticas, propriedades magnéticas e termoluminescência das rochas e do solo no local de impacto e as conseqüências ecológicas que o impacto causou. Apesar de vários fatos demonstrarem que trata-se da queda de um meteorito pétreo possivelmente carbonáceo que explodiu sobre a superfície terrestre, no ar, até hoje mais de 200 expedições terem ido ao local e não terem recuperado nenhum meteorito. Este fato serve de suporte para as cerca de 80 teorias que vão desde mini buracos negros até OVNS.

Código: 3306 - Abordagens Políticas na Correspondência de Bertha Lutz

JOÃO GABRIEL DA SILVA ASCENSO (Bolsa de Projeto)

Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO
MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS
VITOR MANOEL FONSECA

Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) é nacionalmente conhecida por seu trabalho científico e sua atuação como feminista, tendo inclusive assumido o mandato de deputada federal de 1936 a 1937. Formada em ciências naturais em Paris, pela Sorbonne, especializou-se em anfíbios anuros, mas exerceu seu trabalho também em outras especialidades da

biologia, tendo trabalhado em instituições de renome como o Museu Nacional e o Instituto Oswaldo Cruz, ambos no Rio de Janeiro. Parte do seu acervo documental encontra-se, hoje, na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR). Como estagiário da Seção, participo da organização, inventariação e descrição de sua correspondência, sobretudo da científica (mas incluindo parte da pessoal). A análise dessa correspondência permite identificar alguns dos correspondentes com os quais ela manteve, ao longo do tempo, intercâmbio de idéias e informações, muitos dos quais adquiriram projeção internacional semelhante ao dela, seja no campo da ciência ou do movimento feminista. Filha do conhecido cientista Adolpho Lutz, de família suíça, e da enfermeira inglesa Amy Fowler, Bertha Lutz sempre esteve muito interessada em questões políticas nacionais e internacionais. Sua correspondência deixa transparecer esse interesse, e muitas vezes o explicita, tendo ela se envolvido na campanha anti-nazista no Brasil e emitido freqüentes opiniões a respeito de acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial, a morte de Getúlio Vargas e Maio de 68, para citar alguns. O presente trabalho visou identificar de que forma Bertha Lutz aborda a política em suas cartas e como essa abordagem se relaciona com seu trabalho de cientista, com sua luta como feminista e com suas convicções pessoais, bem como estabelecer convergências e divergências desse seu olhar político com tendências em voga na sociedade de então.

**Código: 1120 - Um Museu de Malas Prontas:
A Viagem do Museu Nacional do Campo de Santana para o Palácio de São Cristóvão**

PAULO VINÍCIUS APRIGIO DA SILVA (Bolsa de Projeto)

Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS

Apresenta os resultados parciais da participação do aluno de graduação no levantamento do acervo do imperador Pedro II existente no Museu Nacional para o projeto “Guia do Acervo Artístico, Histórico e Científico de D. Pedro II existente no Museu Nacional/UFRJ”, visando o aprofundamento da pesquisa histórica. Tal projeto ampliou seus objetivos abarcando novos horizontes de pesquisa e a sua abrangência, além de suas margens temporais - teóricas, de forma a dar conta da popularização da História do Brasil no Museu Nacional/UFRJ, já que a sede dessa instituição é desde 1892 o Palácio de São Cristóvão, residência até a proclamação da República da família imperial brasileira. A necessidade de uma reflexão mais acurada acerca da transposição do Museu Nacional do Campo de Santana, onde era a sua antiga sede, para a atual edificação na Quinta da Boa Vista - o antigo Paço de São Cristóvão, é justificada pelos aspectos políticos e seus desdobramentos, determinantes na história e na memória da Instituição. Será apresentada a metodologia utilizada para compor o corpus documental do projeto que teve ampliado o seu universo de pesquisa, antes limitada à documentação da Seção Memória e Arquivo, entendendo-se para além das fronteiras institucionais, em busca de outros lugares de memória que produzam informações relevantes para o tema pesquisado, como: o Arquivo Nacional, o Arquivo do Museu Imperial, Biblioteca Nacional entre outros, assim como os possíveis horizontes a serem seguidos.

**Código: 2541 - A Visão Informal acerca dos Acontecimentos Políticos Globais
dos Cientistas Naturais em Meados do Século XX**

ANDERSON DE SOUZA LIMA (Outra Bolsa)

Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS
SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as mudanças políticas e econômicas ocorridas entre as décadas de 1930-1960, utilizando para isso o acervo documental do entomólogo Ângelo Moreira da Costa Lima (1887-1964). Esse cientista natural teve uma participação significativa na produção científica nacional no período de 1920-1960. Em seu fundo é possível observar correspondências de inúmeras partes do mundo: Argentina, Alemanha, África do Sul, Inglaterra, EUA, Índia, Indonésia entre outras nações. Apesar de não participar de maneira efetiva da política brasileira, Costa Lima mostrou suas impressões políticas sobre inúmeros assuntos: comunismo, o “fascismo brasileiro” entre outros assuntos. Nesse sentido, o trabalho visa abordar os aspectos sociais e políticos do Brasil e do mundo, dando voz ao campo científico para esse propósito.

**Código: 3293 - Alípio de Miranda Ribeiro e Marechal Rondon:
Uma Relação entre o Cientificismo e o Positivismo no Brasil**

MARIAH DOS SANTOS MARTINS (Outra Bolsa)

Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS

Com o objetivo de dar continuidade e ampliar a análise e interpretação dos documentos localizados na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional referentes ao zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939) e sua participação na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como “Comissão Rondon”, apresenta-se o trabalho que foca a relação entre Alípio de Miranda Ribeiro e o chefe da Comissão, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) após a participação direta de Alípio como zoólogo na mesma. A relação entre os dois personagens se estreita para além do eixo profissional, conforme pode ser observado na

extensa correspondência que mostra a confiança entre os dois, e o aconselhamento mútuo além da discussão aberta sobre a política nacional. Por meio da análise da correspondência, torna-se possível um entendimento da conjuntura da República e da formação do pensamento de uma sociedade em uma época em que o cientificismo e o positivismo influenciaram as falas e ações dos personagens.

**Código: 1814 - As Espécies do Gênero *Calomys* Representadas na Coleção do Museu Nacional (UFRJ):
Identificação dos Espécimes da Coleção do Serviço Nacional da Peste**

RAFAEL DA SILVA LUZ (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA

O gênero *Calomys* pertence à subfamília Sigmodontinae, que constitui a família mais diversificada da ordem Rodentia, a Cricetidae. O gênero encontra-se amplamente distribuído pela América do Sul, sendo constituído por aproximadamente 19 espécies. No território brasileiro existem seis espécies que apresentam cariótipos diferentes: *C. tocantinsi*, nº diplóide (2n) igual a 46 e nº fundamental (FN) igual a 66, *C. expulsus* (2n = 66; FN = 68), *C. tener* (2n = 66; FN = 66), *C. callosus* (2n = 36; FN = 48), *C. callidus* (2n = , FN =) e *C. laucha* (2n = 62; FN = 72). As três primeiras espécies possuem uma distribuição Norte-Nordeste, as duas seguintes na região Centro-Oeste e a última na região Sul do Brasil. Apesar das modificações taxonômicas recentes ainda há inúmeras incertezas sobre o limite entre as espécies, principalmente devido à enorme variação morfológica, o que dificulta a delimitação de um padrão morfológico para cada espécie. Alguns problemas genéticos, como por exemplo a viabilidade de híbridos, dificulta as delimitações cariotípicas. Devido às incertezas na constituição das espécies e devido a um grande acervo de material não estudado, observa-se uma distribuição geográfica ainda imprecisa. O Serviço Nacional da Peste (SNP) foi uma repartição ligada ao Ministério da Educação e Saúde que visou estudar a Peste Bubônica no Brasil, tendo existido até 1955. As coleções de mamíferos oriundas do SNP, em sua maioria da região Nordeste do Brasil, estão depositadas no Museu Nacional (UFRJ). As análises foram essencialmente qualitativas e focalizadas na anatomia craniana, realizadas inicialmente a partir de espécimes que foram cariotipados. Alguns ossos, como o interparietal, frontal, palato e o forâmen incisivo, mostraram um padrão morfológico espécie-específico, possibilitando a identificação das séries não cariotipadas do Serviço Nacional de Peste.

**Código: 1898 - Paleobotânica do Cretáceo da Ilha James Ross, Antártica Oriental:
Coleção de Referência e Banco de Dados de Lenhos Fósseis e Atuais**

JULIANA DA SILVA COELHO (CNPq/PIBIC)

Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT
LUCIANA WITOVISK GUSSELLA
MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO

As florestas que ocorriam na Península Antártica durante o Cretáceo representam um paleoambiente único, sem analogia atual, devido às condições climáticas que o caracterizavam: invernos com dias curtos, longos períodos de escuridão e verões com iluminação solar contínua, associados a um clima relativamente ameno e umidade abundante. A Antártica foi um território importante neste período para trocas florísticas, pois promoveu conexões terrestres entre o oeste (América do Sul e África) e leste (Antártica, Austrália e Nova Zelândia) do Gondwana. A Ilha James Ross é a localidade fossilífera que contém a mais completa seqüência de rochas do Cretáceo do hemisfério sul concentrando depósitos fósseis de fauna e de flora muito significativos. O projeto “Análise de lenhos fósseis do Cretáceo da Ilha James Ross, Antártica Oriental”, da equipe do Laboratório de Paleoecologia Vegetal do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, UFRJ, visa contribuir para o conhecimento da história paleoambiental, paleoecológica e paleoclimática do Cretáceo Antártico, através da análise e identificação de lenhos fósseis. A identificação de lenhos fósseis é baseada na comparação anatômica das amostras com as descrições encontradas na literatura e com representantes atuais de Gimnospermas e Angiospermas. O presente trabalho consiste na preparação de uma coleção de referência de madeiras atuais e de um banco de dados contendo dados sobre anatomia de lenhos atuais e fósseis. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico visando a catalogação das descrições de Gimnospermas e Angiospermas fósseis, e estão em andamento a obtenção de amostras de lenhos atuais através de doações de xilotecas, a confecção de lâminas histológicas e carbonização destas amostras e a descrição anatômica deste material, seguindo as normas da Associação Internacional de Anatomistas da Madeira. As lâminas histológicas e as amostras carbonizadas estão sendo gradativamente incorporadas às coleções do Setor de Paleobotânica e Paleopalínologia do DGP/MN. Um banco de dados foi constituído com auxílio do programa “Atlas Brasil”, o qual é associado a uma chave de identificação informatizada, contendo até o momento as descrições anatômicas de 46 espécies fósseis encontradas na literatura, distribuídas entre as famílias Anacardiaceae, Araucariaceae, Boraginaceae, Cunoniaceae, Cupressaceae, Dadoxaceae, Euphorbiaceae, Fagaceae, Lauraceae, Leguminosae, Menispermaceae, Myristicaceae, Myrtaceae, Nothofagaceae, Pinaceae, Phyllocladaceae, Podocarpaceae, Proteaceae, Protopinaceae, Sciuhderiaceae, Taxodiaceae, Woodworthiaceae e Vitaceae. Posteriormente, ele será complementado pelas descrições das espécies da coleção de referência. Tanto a coleção de referência quanto o banco de dados que estão sendo organizados são subsídios indispensáveis ao desenvolvimento de estudos de reconstituição paleoambiental, permitindo a comparação direta de amostras desconhecidas com espécimes bem identificados.

Código: 1910 - Reorganização e Informatização da Coleção de Paleobotânica do Museu Nacional

LUÍS HENRIQUE PEREIRA BARROS (FAPERJ)
ARTHUR GUTIERREZ GRAVATO RODRIGUES (CNPq/PIBIC)
LARISSA JACINTHO MOREIRA GAMA (IC-Junior)

Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
RITA SCHEEL YBERT
ALINE GONÇALVES DE FREITAS

A Coleção de Paleobotânica sob guarda do Setor de Paleobotânica e Paleopalynologia do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro é uma das maiores coleções da América Latina, contando com exemplares de todas as idades (tempo geológico) e de várias áreas do Brasil e do mundo. Esta é uma das maiores coleções brasileiras de vegetais fósseis do Paleozóico, com predominância de fósseis de idades neopaleozóica e eopaleozóica das bacias do Paraná e Parnaíba. Predominam os exemplares da Flora de Glossopteris (Glossopteridales), e outros em menor proporção: Lepidodendrales, Lycopodiales, Equisetales, Pteridophyta, Ginkgophyta, Cycadophyta, Coniferophyta e Anthophyta. Atualmente são mais de 4.000 exemplares catalogados, dentre eles folhas, frutos, sementes, caules e troncos. A coleção inicialmente estava organizada por número de amostragem, dividida entre amostras nacionais e internacionais, das quais 3481 peças eram brasileiras. O trabalho de reorganização que está sendo feito desde dezembro de 2003 consiste em um agrupamento das amostras por local de coleta, classificando-as secundariamente de acordo com o número de registro. Além disso, prosseguimos com o trabalho de contínua atualização do registro, com o acréscimo de novas peças e identificação das já existentes. Merecem especial destaque as recentes aquisições de amostras da Antártica coletadas durante o projeto Paleontar por pesquisadores deste Departamento. Este projeto trouxe para o acervo da coleção troncos, folhas e fragmentos de lenho associados em maioria ao Cretáceo e ao Terciário. A reorganização foi efetuada em duas etapas, a primeira consistindo na troca de fichas de identificação e substituição das caixas velhas, afetadas por insetos e pela ação do tempo, por novas. A segunda etapa consistiu em um levantamento dos dados de catálogo e na organização de cada amostra por região. Para tanto foi constituído um banco de dados, utilizando o programa Microsoft Office Excel, o que será de grande importância para facilitar a manutenção das amostras e o acesso aos dados. O trabalho de reorganização e informatização desta coleção é de grande importância, não só para facilitar a seleção de material para as exposições realizadas pelo Museu Nacional, como devido ao grande interesse destes exemplares fósseis para pesquisadores de várias instituições na área de Paleobotânica. A continuidade do trabalho de curadoria é imprescindível, pela necessidade de avaliação dos exemplares sem designação, de modo que novos grupos possam ser levantados e servir para novos estudos. Este trabalho tem como objetivo não apenas o de otimizar o acesso à coleção, mas também produzir um catálogo das amostras, incentivando as pesquisas em paleobotânicas que ainda são escassas. Apoio financeiro: Instituto Virtual de Paleontologia - FAPERJ.

Código: 1995 - Palinologia de Seis Espécies de *Aspilia thou* (Asteraceae martinov)

DIEGO E SILVA MENEZES CORRÊA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES
CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA

A família Asteraceae Martinov compreende aproximadamente 23.000 espécies, inseridas em 1.535 gêneros e distribuídas em três subfamílias e 17 tribos nas regiões tropicais e subtropicais, o que equivale a cerca de 10% da flora mundial. De acordo com o Angiosperm Phylogeny Group, a família pertence à ordem Asterales, enquadrando-se no grupo das Euasterídeas II, juntamente com as Apiales, Aquifoliales e Dipsacales. Dentre as tribos, destaca-se Heliantheae Cassini e está representada no mundo por cerca de 3.000 espécies em 260 gêneros, sendo seu centro de distribuição as Américas do Norte e Sul e, é a maior tribo brasileira. O gênero *Aspilia* Thou. está bem representado nesta tribo em número de espécies juntamente com *Wedelia* Jacq. e *Viguiera* H.B.K. Este trabalho teve por objetivo descrever palinologicamente seis espécies de *Aspilia* ocorrentes na Amazônia. São elas: *Aspilia camporum* Chodat, *Aspilia elata* Pilg., *Aspilia leucoglossa* Malme, *Aspilia paraensis* (Huber) J.U. Santos, *Aspilia attenuata* (Gardner) Baker, *Aspilia ullei* Hieron. O material botânico utilizado foi obtido através de exemplares depositados no herbário do CPATU, Embrapa, Belém, Pará, Brasil. No laboratório, os grãos de pólen foram tratados pelo método de acetólise sendo, posteriormente, medidos, fotomicrografados. Os dados quantitativos foram submetidos a tratamento estatístico. A análise em microscopia de luz foi feita com aumentos 40X e 100X. Para análise em microscópio eletrônico de varredura (MEV), as anteras foram maceradas e os grãos de pólen, não acetolisados, foram pulverizados sobre suportes recobertos por fita de carbono. O conjunto foi metalizado com uma camada de ouro puro por ca. três minutos e analisado em aparelho Zeiss DSM 960. Constatou-se que as espécies de *Aspilia* apresentam grãos de pólen médios, isopolares, 3-colporados e sexina espinhosa com espinhos longos e estreitos. Os colpos são longos e estreitos e as endoaberturas lalongadas. Os grãos de pólen das espécies diferiram apenas quanto à forma: oblato-esferoidal ou prolato-esferoidal em *Aspilia camporum*. Pode-se concluir que, em relação às espécies estudadas, o gênero deve ser considerado estenopolínico. (CNPq, FAPERJ, Instituto de Biofísica/UFRJ).

**Código: 2051 - Ocorrência de Esporões e Reações Ósseas nas
Faces Plantares de Calcâneos de Indivíduos Pertencentes a uma
População Pré-Histórica do Litoral do Estado do Rio de Janeiro**

RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA (Outra Bolsa)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES F. DE CARVALHO
ADILSON DIAS SALLES
PEDRO SUCUPIRA DE TOLEDO

O presente trabalho tem por objetivo registrar e interpretar as ocorrências de esporão de calcâneo e reações ósseas na face plantar do calcâneo em remanescentes esqueléticos recuperados no sítio pré-histórico litorâneo denominado sambaqui Zé espinho, localizado em Guaratiba, RJ. O esporão de calcâneo se caracteriza por um crescimento ósseo reativo na face plantar do osso, de ocorrência uni ou bilateral e com dimensões que podem variar desde projeções ósseas discretas até cerca de 2cm. Tal condição pode estar relacionada à inflamação ou a solitação biomecânica intensa do calcanhar e da fâscia plantar ou mesmo de problemas como pé cavo ou pronação anormal. A observação da ocorrência sistemática dessa condição é inédita em populações pré-históricas brasileiras, o que despertou o interesse da pesquisa. A série original compunha-se de 23 indivíduos adolescentes e adultos, dos quais foram selecionados para o estudo todos os que apresentaram ao menos um de seus calcâneos e no mínimo 50% de integridade em sua superfície plantar, totalizando 12 indivíduos (6 femininos e 6 masculinos). Dentre estes, oito (66,67%) apresentaram sinais compatíveis com esporão de calcâneo e/ou reações ósseas (sem formação do esporão propriamente dito, porém com sinais sugestivos de atividade óssea). Os indivíduos femininos foram mais afetados que os masculinos (83% e 50%, respectivamente). Os resultados sugerem que a alta frequência observada na série estaria associada ao estilo de vida dessa população litorânea, provavelmente relacionadas atividades que demandem caminhadas constantes e/ou transporte regular de objetos pesados.

**Código: 2107 - Palinotaxonomia de Espécies de *Castelnavia Tul. & Wedd.*, *Lonchostephus Tul.*,
Marathrum bonpl., *Vanroyenella Novelo & Philbrick (Podostemaceae)***

ANA PAULA GARCIA COSTA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES
CLÁUDIA PÉTEAN BOVE

Segundo Philbrick & Novelo (2004), Podostemaceae é a maior família exclusivamente aquática de Angiosperma. Para Royen (1951), é no Brasil que a família expressa sua maior diversidade, constituindo 19 gêneros, sendo 10 endêmicos. De acordo com a organização de Royen (1951), Embora Podostemaceae seja uma família distinta por suas características macromorfológicas, o interesse pelo estudo polínico ainda não foi incrementado. Desta forma, o presente trabalho tem como finalidade caracterizar palinologicamente os gêneros de Podostemaceae, para auxiliar a taxonomia das espécies, obtendo com isso uma visão geral polínica da família. Foram analisados os grãos de pólen de: *Castelnavia princeps Tul. & Wedd.*; *Lonchostephus elegans Tul.*; *Marathrum schiedianum (Cham.) Tul.* e *Vanroyenella plumosa Novelo & Philbrick*. Os grãos de pólen foram tratados pelo método da acetólise (Erdtman, 1952), medidos até sete dias após sua preparação (Salgado-Labouriau 1973), fotografados digitalmente. Para a análise em microscopia eletrônica de varredura utilizou-se material polínico não acetolisado. Foram mensurados vinte e cinco grãos de pólen em vista equatorial. Tratamentos estatísticos foram efetuados calculando-se a média aritmética (\bar{x}); o desvio padrão da média (sx) e o intervalo de confiança a 95%. Para as demais medidas como das aberturas, camadas da exina foram calculadas a média aritmética de dez medidas. Os resultados encontrados mostram que em *Castelnavia princeps* os grãos de pólen são pequenos, oblatos, tricolpados, exina reticulada. Em *Lonchostephus elegans*, os grãos de pólen mostraram-se pequenos, suboblatos, tricolpados, sexina granulada. Os grãos de pólen de *Marathrum schiedianum* apresentaram-se pequenos, oblatos, tricolporado e a endoabertura lalongada, sexina reticulada. Em *Vanroyenella plumosa* os grãos de pólen foram considerados, pequenos, suboblatos, tricolpados, sexina granulada. Os resultados encontrados mostram que as espécies subordinadas aos quatro gêneros possuem certa similaridade quando são considerados o tamanho e a área polar, mas diferem no tipo de abertura e na ornamentação da sexina. Referências bibliográficas Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy. Angiosperms an introduction to palynology, 2ª ed., Almquist & Wikseus, Stockholm. Faegri, G. & Iversen, J. 1966. Textbook of modern pollen analysis. 2ª ed. Scandinavian University Books, Copenhagen. Philbrick, C. T.; Novelo, A. 2004. Two new genera of Podostemaceae from the state of Minas Gerais, Brazil. Systematic Botany, 29: 109-117. Royen, P. Van. The Podostemaceae of the new world. Part I. 1951. Meded. Bot. Mus. Herb. Rijks. Univ. Utrecht, 107: 1-151. Salgado-Labouriau, M.L. 1973. Contribuição à Palinologia dos Cerrados. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro. Agradecimentos: CNPq, FAPERJ, Lab. de microscopia, Instituto de Biofísica, UFRJ.

Código: 2137 - Palinotaxonomia de Três Espécies de *Eremanthus less.* (Asteraceae)

VANESSA HOLANDA RIGHETTI DE ABREU (Sem Bolsa)

WELLERSON PICANÇO LEITE (Sem Bolsa)

STEPHANIE ALMEIDA DA SILVA (Sem Bolsa)

ANA PAULA GARCIA COSTA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES

CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA

Asteraceae, segundo a proposta do Angiosperm Phylogeny Group (APG II, 2003) está posicionada na ordem Asterales, que juntamente com as Apiales, Aquifoliales e Dipsacales formam o clado das Euasterídeas II. A família compreende a aproximadamente, 23.000 espécies inseridas em 1.535 gêneros, distribuídas em três subfamílias e 17 tribos nas regiões tropicais e subtropicais, o que equivale a cerca de 10% da flora mundial. A tribo Vernoniaceae, segundo Bremer (1994), possui 98 gêneros e uma distribuição pantropical, com uma grande parte das suas 1.300 espécies concentradas no Brasil e na África. *Eremanthus* é um dos gêneros da tribo que apresenta sérios problemas taxonômicos. Com o objetivo de colaborar com a taxonomia do grupo, foram analisados até o momento, os grãos de pólen de: *Eremanthus argenteus* MacLeish & H. Schumacher, *E. auriculatus* MacLeish & H. Schumacher, *E. capitatus* (Spreng.) MacLeish e *E. crotonoides* (DC.) Sch. Bip. O material botânico utilizado foi obtido de exsicatas depositadas em herbários fluminenses. No laboratório, os grãos de pólen foram tratados pelo método acetolítico de Erdtman (1952) e, posteriormente, mensurados, fotomicrografados e os dados quantitativos, submetidos a tratamento estatístico. A análise em microscopia de luz foi realizada com aumentos 40X e 100X. Para análise em microscópio eletrônico de varredura, as anteras foram maceradas e os grãos de pólen, não acetolisados, pulverizados sobre suportes recobertos por fita de carbono. O conjunto foi metalizado com uma camada de ouro puro aproximadamente 3 minutos, posteriormente, analisado em aparelho Zeiss DSM 960. Foram analisados a forma, a unidade polínica, o tamanho, a posição e o número de aberturas, bem como a ornamentação da exina. Os resultados obtidos mostraram que as espécies estudadas apresentaram grãos de pólen grandes, isopolares, oblato-esferoidais, prolato-esferoidais apenas em *E. capitatus*, área polar pequena, tricolporados, colpos longos, estreitos, endoabertura alongada, sexina equinolofada. Pode-se concluir que, em relação às espécies estudadas, o gênero deve ser considerado estenopolínico. (CNPq, FAPERJ, Instituto de Biofísica/UFRJ) Referências bibliográficas: APG II. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. Botanical Journal of the Linnean Society, 141:399- 436. Bremer, K., 1994. Asteraceae: Cladistics and Classification. Portland. Timber Press. 752p. Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy. Angiosperms. Stockholm. Almquist & Wiksell. 530p.

**Código: 2140 - Inventário Taxonômico de Cianobactérias do Canal do Piraquê:
Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ**

RENATA RIBEIRO GUIMARÃES (Bolsa de Projeto)

VALÉRIA LIMA MARQUES DE SOUSA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DE CRIPTÓGAMOS

Orientação: MARIANGELA MENEZES

CÉLIA LEITE SANT'ANNA

A Lagoa Rodrigo de Freitas é um sistema costeiro semi-confinado, localizado na zona sul do município do Rio de Janeiro (22°57'02''S; 043°11'09''W) e, atualmente, encontra-se em avançado estágio de eutrofização. A lagoa possui profundidade média de 4 m e uma área de superfície de 2,5 km², recebendo aporte de água marinha através do Canal do Jardim de Alah nos períodos de preamar de maré de sizígia e, ainda, descarga contínua de água doce dos rios Macacos e Cabeças através do Canal do Piraquê situado na parte nordeste da lagoa. O Canal do Piraquê caracteriza-se, predominantemente, por uma baixa profundidade (média de 1m), baixa turbulência e tempo de residência da água variando em função da abertura e fechamento da comporta que controla a descarga dos rios dos Macacos e Cabeça no canal. Neste trabalho apresentam-se os resultados parciais da flora de cianobactérias do Canal do Piraquê como parte de projeto maior que visa o inventário taxonômico das microalgas na Lagoa Rodrigo de Freitas. Foram coletadas 24 amostras de água de subsuperfície e de rede de plâncton (25µm de abertura) em duas estações no Canal do Piraquê de março de 2007 a fevereiro de 2008 e quando houve suspeita de florações (cinco de água e cinco de rede), aferindo-se, a cada coleta, dados de pH, temperatura da água, transparência, oxigênio dissolvido e salinidade. O material foi analisado em microscopia óptica a partir de populações vivas e de cultivo (meios ASM-1 e F/2). Registrou-se um total de 12 taxa, distribuídos nas ordens Chroococcales e Oscillatoriales, com predomínio desta última destacando-se as espécies *Oscillatoria bonnemaisonii* e *Phormidium chalybeum* como as mais frequentes. A dominância de espécies filamentosas (R-estrategistas sensu Reynolds, 1997) no fitoplâncton é previsto para sistemas eutróficos/hipertróficos.

**Código: 2280 - Cinco Novas Espécies de *Stelletta* (*Astrophorida*, *Demospongiae*)
para a Costa do Chile**

GUSTAVO BASTOS DA SILVA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MARIANA DE SOUZA CARVALHO
EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU

As *Demospongiae* do sudeste do Pacífico, principalmente da costa do Chile, são pouco conhecidas, com apenas cerca de 180 espécies descritas. Este número contrasta com a grande longitude da costa chilena (4265 km), passando por ecossistemas subtropicais ao norte até subantárticos no extremo sul do país. Vários setores do SE do Pacífico são ainda mal amostrados, como os canais patagônicos e norte do Chile, assim como as costas do Peru e Equador. Somente três espécies da ordem *Astrophorida* eram conhecidas para a costa chilena, viz. *Geodia magellani*, *Stelletta clarella* e *Stelletta phrissens*. Um novo inventário das esponjas chilenas foi iniciado em 2004, com 30 a 35 localidades amostradas, principalmente através de mergulho autônomo até 30m de profundidade, em latitudes que variaram de 23° a 56°S. Espécimes até 2000m de profundidade também foram obtidos por intermédio de coleções estrangeiras. Este material está depositado nas coleções de Porifera MNRJ (Rio de Janeiro), MHNG (Genebra) e RBINS (Bruxelas). O material foi fixado em álcool 96% e estudado sob lupa e microscópio ótico, através de lâminas com cortes espessos e espículas dissociadas, seguindo protocolo padrão; bem como microscópio eletrônico de varredura. Dos 31 espécimes de *Astrophorida* disponíveis para estudo, 13 pertencem ao gênero *Stelletta*, compreendendo cinco novas espécies, coletadas entre 12 e 860 m de profundidade. De 135 espécies pertencentes ao gênero, apenas 43 apresentam conjunto espicular composto por megascleras que incluam pelo menos óxeas e dicotriênios, similarmente às espécies registradas neste estudo. *Stelletta* sp.nov.1 possui óxeas com até 3875µm, dicotriênios com até 3625µm, anatriênios com até 5175µm e esferoxiásteres e esferostrongilásteres como microscleras. *Stelletta* sp.nov.2 possui óxeas com até 3775µm, dicotriênios até 3518µm, anatriênios até 5262µm e esferoxiásteres, esferostrongilásteres e oxiásteres como microscleras. *Stelletta* sp.nov.3 possui óxeas com até 7750µm, dicotriênios até 5400µm, anatriênios até 10950µm e esferoxiásteres, esferostrongilásteres e oxiásteres como microscleras. *Stelletta* sp.nov.4 difere das demais por apresentar apenas uma categoria de anatriênios e plagiotriênios, sendo também a única espécie do gênero com óxeas menores que 1750µm e duas categorias de oxiásteres. *Stelletta* sp.nov.5 possui óxeas com até 5260µm, dicotriênios até 4776µm, anatriênios até 9580µm e microscleras são esferoxiásteres, esferostrongilásteres e oxiásteres. Os resultados obtidos confirmam a escassez de conhecimento acerca da espongiofauna marinha chilena e mostram que a região apresenta uma alta biodiversidade, sugerindo a necessidade de maior esforço no estudo taxonômico de espécimes chilenos.

**Código: 2303 - Floração de *Heterocapsa* sp. (*Dinophyceae*)
em um Sistema Costeiro Eutrofizado do Rio de Janeiro (RJ)**

SUEMA BRANCO (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DE CRIPTÓGAMOS

Orientação: MARIANGELA MENEZES
PATRÍCIA DOMINGOS
LEONARDO RODRIGUES DE ANDRADE
TAÍS DOS SANTOS LOPES

O dinoflagelado *Heterocapsa* Stein compreende cerca de 15 espécies de ampla distribuição em águas costeiras do mundo inteiro, dentre as quais algumas são responsáveis por florações tóxicas ocasionando massivas mortandades de moluscos. Caracteriza-se por sua tabulação (Po, cp, 5', 3a, 7'', 6c, 5-8s, 5''', 0-1p, 2''') e pela presença de reduzidas escamas orgânicas 3-D (0.2-0.4µm) abaixo da membrana celular. A morfologia destas escamas, em conjunto com a morfologia do pirenóide em microscopia eletrônica de transmissão (MET) constituem os principais caracteres diacríticos para a separação das espécies do gênero. Durante o desenvolvimento do projeto sobre microalgas potencialmente nocivas na Lagoa Rodrigo de Freitas, sistema costeiro semi-confinado eutrofizado situado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, foram registrados três eventos de florações em julho de 2006 (duas no Canal Piraquê e uma no corpo principal da lagoa), cujo organismo responsável foi identificado como *Heterocapsa* sp. O material foi analisado vivo sob microscopia óptica (MO) e de epifluorescência (ME), neste último caso as células foram coradas com Calcofluor®. Para estudo da ultraestrutura das escamas em MET adicionou-se 200µL de amostra fixada em formaldeído 2% diretamente em grades recobertas com FORMVAR, as quais foram em seguida contrastadas com acetato de uranila a 2% e desidratadas a temperatura ambiente. Os indivíduos, isolados ou formando agregados mucilaginosos, mostraram células obovadas com dimensões médias de 12,70-14,85-(16,54) x 8,14-10,39-(11,05)µm, núcleo elipsóide localizado na hipoteca e 4 a 6 cloroplastos arredondados dispostos na periferia da célula e 4 pirenóides (2 na epiteca e 2 na hipoteca). A escama com base circular apresentou-se finamente reticulada e sem poro central, com um espinho central e seis na região marginal. Até o momento as características encontradas nas populações estudadas não coincidem com nenhuma das 15 espécies descritas para este gênero, particularmente número de pirenóides. Mais análises em MET serão realizadas para se observar um maior número de escamas e também a morfologia do pirenóide visando confirmar a identidade taxonômica do material em questão.

Código: 2325 - Projeto Central: Programa para Informatização de Acervo Ósseo

RAFAEL GOMES SCHIENER (Sem Bolsa)
CARLOS HENRIQUE SILVA RUA (Sem Bolsa)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARÃES

As pesquisas realizadas no acervo ósseo, Setor de Arqueologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional/UFRJ, proveniente dos sítios arqueológicos da Região Arqueológica de Central, Projeto Central, estado da Bahia, Brasil, resultam em uma gama de dados que posteriormente são digitalizados na planilha do Excel. Todavia, este processo é insuficiente, pois o número elevado (milhares) de espécimes (ossos e dentes) e o estado de preservação dificultam a identificação. Neste estudo faz-se necessário o reconhecimento dos tipos de ossos (fêmur, tíbia etc.), das regiões dos mesmos (epífise distal + 2/3 da diáfise do úmero esquerdo etc), da faixa etária (jovem, adulto, senil) bem como a identificação da espécie (*Kerodon rupestris* etc). Após as análises, estamos diante de um quebra-cabeça tanto na procura de informações como na catalogação desses espécimes. Como são vários os dados obtidos em um exemplar, pesquisou-se desde o ano de 2007, a melhor forma de criar um programa que nos auxiliasse nessa jornada. A intenção do projeto de informatização do acervo se dita a partir da catalogação digital, ferramenta básica de aperfeiçoamento para qualquer indivíduo que queira se aprofundar no assunto. Nas fichas, além de armazenar todos os dados de identificação, constará uma imagem, que servirá como auxílio na identificação. Tendo como base os modelos digitalizados, será possível comparar os que estão sendo codificados no banco de dados. Para desenvolver o sistema, optou-se pela plataforma VB.NET e o banco de dados Access 2003. É mister seguir os itens: 1 - Levantamento e análise dos Requisitos, observados quais os dados que serão úteis; 2 - Montagem do Banco de Dados, os requisitos irão gerar um banco de dados contendo tudo que for arquivado; 3 - Escrever e analisar a Sintaxe do programa em papel - antes da digitação é necessário fazer um rascunho para a verificação dos erros; 4 - Montar a interface, montar a parte externa do programa (visto pelo usuário); 5 - Escrever a Sintaxe, escrever no papel o código para o programa; 6 - Digitar a Sintaxe; 7 - Unir o Banco de Dados ao Programa, uma vez que o programa esteja pronto, é preciso fazer a concessão com o banco de dados, pois lá será focado o que o programa irá armazenar; 8 - Teste, e finalmente a Implementação. Como toda pesquisa, poderá haver contratempos no desenvolvimento do programa, principalmente na fase de teste. O programa facilitará a procura das espécies, dos tipos e das regiões dos ossos e dentes em um sítio, bem como entre sítios arqueológicos, contribuindo nas interpretações bioestatísticas, bioestratigráficas, paleoambientais, entre outras, e auxiliando assim, o entendimento da cultura do Homem Pré-Histórico.

**Código: 2339 - Região Arqueológica de Central, Bahia, Brasil:
Presença de Conchas de Moluscos Terrestres e Límnicos com Perfurações**

VINÍCIUS JOVIANO DA SILVA (Sem Bolsa)
YASMIN CAVENDISH DA SILVA (Sem Bolsa)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARÃES
ANDRÉIA ALVES SOARES
MARIA DA CONCEICAO DE M. COUTINHO BELTRÃO

A Região Arqueológica de Central (Projeto Central, UFRJ), localiza-se no interior do estado da Bahia e tem como delimitação atual 100.000 Km², contendo centenas de sítios arqueológicos e paleontológicos, compreendendo a Planície Calcária no Domínio Chapada Diamantina, Bahia. Esta região tem apresentado resultados encorajadores para o avanço de pesquisas, sendo desenvolvidos estudos pré-históricos e históricos através de evidências arqueológicas, como pinturas rupestres, artefatos, animais pleistocênicos, etc, em abrigos, grutas, tanques e lajeados. O material analisado foi coletado no período de 1983 a 2003, e encontra-se depositado no acervo da Coleção do Projeto Central, Setor de Arqueologia, MN/UFRJ. Foi feito o levantamento e a contagem das amostras de conchas de moluscos terrestres e límnicos, sub-recentes e recentes, com perfuração, com o objetivo de verificar a quantidade e a bioestratigrafia dos gêneros encontrados nos sítios arqueológicos do Município de Central e adjacências. As conchas foram examinadas para verificar a existência de perfurações do tipo circular, morfologicamente semelhante, localizada na maioria dos espécimes no centro da concha dos bivalves e na região dorsal dos gastrópodes, produzidas possivelmente por predadores, intemperismo etc. As amostras com perfurações foram contadas e separadas de acordo com o gênero, provenientes de 27 sítios, sendo encontradas 304 conchas com perfurações, distribuídas em 2 Classes: Gastropoda - *Strophocheilus* (14 sítios), *Cyclodontina* (5 sítios), *Anctus* (2 sítios), *Megalobulimus* (2 sítios), *Protoglyptus* (2 sítios), *Oxystila* (1 sítio), *Helicina* (1 sítio) e *Orthalicus* (3 sítios) e Bivalvia - *Diplodon* (12 sítios). Com o levantamento e a contagem das conchas observamos que os gêneros *Diplodon*, *Strophocheilus* e *Cyclodontina* são mais representativos nos sítios arqueológicos, sendo que o primeiro é de ambiente límnico e outros terrestres. Em relação aos sítios, o que apresentou a maior quantidade de conchas perfuradas foi Abrigo do Waldemar com 112 (total de 304), ocorrendo 6 gêneros. A maior quantidade de *Diplodon* está na Toca do Cosmo, esse sítio localiza-se nas proximidades de rios permanentes e os outros gêneros estão mais presentes em área de rios temporários. Essa análise é o primeiro passo para esclarecer que gêneros estão mais presentes na área de estudo, facilitando as interpretações sobre os agentes causadores das perfurações, uma vez que em outras regiões tem sido apresentado como resultado de

atividade humana. A coleta de conchas recentes com o mesmo tipo de perfuração associada à pesquisa oral reforça a idéia da existência de outros agentes. Porém será necessário complementar com trabalho experimental através da confecção de moldes das perfurações para serem analisadas ao microscópio na tentativa de identificar, através das estrias, quem as produziu se por atividade humana, fauna ou fratura natural.

Código: 2342 - Uma Espécie Nova de *Onychophora* no Nordeste Brasileiro

CRISTIANO SAMPAIO COSTA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: AMAZONAS CHAGAS JUNIOR
ADRIANO BRILHANTE KURY
RENNER LUIZ CERQUEIRA BAPTISTA

Pesquisas e coletas recentes de onicóforos nos últimos anos no Brasil têm mostrado que o conhecimento sobre este grupo ainda está muito aquém do que foi explorado. O filo *Onychophora* compreende duas famílias: *Peripatopsidae* e *Peripatidae*. No Brasil só há registros de *Peripatidae*: quatro gêneros (*Peripatus*, *Epiperipatus*, *Macroperipatus* e *Oroperipatus*) e 11 espécies. O gênero *Epiperipatus* é diferenciado dos demais gêneros registrados no Brasil devido ao arranjo das papilas dorsais e a proximidade entre elas. Também, observam-se papilas principais infladas e encobrindo a forma das dobras onde são encontradas. Após examinar a coleção de *Onychophora* do Museu Nacional foram encontrados e examinados três exemplares de *Epiperipatus* coletados na Estação Ecológica de Murici, Município de Murici, Alagoas. Os espécimes assemelham-se à *Epiperipatus simoni* (Bouvier, 1898) e *Epiperipatus edwardsii* (Blanchard, 1847) por apresentar forma arredondada das papilas principais. Porém, diferem destas pelo comprimento que varia de 66mm a 75mm, apresentam maior número de pernas, entre 38 à 40 pares de pernas, e pelo aspecto robusto do corpo em contraste com as espécies anteriormente citadas. Ainda não foi descrito, em literatura, para o Brasil espécies de *Onychophora* que alcancem comprimentos maiores que 60mm (após fixação). Tais características permitem separar esses espécimes dos demais espécies que compõe o gênero *Epiperipatus* Clark, 1913. Os caracteres levantados serão descritos e ilustrados neste trabalho. Assim o número de espécies de *Epiperipatus* passa de quatro para cinco espécies conhecidas para o Brasil.

Código: 2442 - Dinâmica Nictemeral do Fitoplâncton no Reservatório de Serra da Mesa (GO) em Diferentes Períodos Climatológicos

NAIA OLIVEIRA DE ABREU NASCIMENTO (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS

Orientação: LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA
VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR
FÁBIO ROLAND

Atualmente a crescente preocupação com o aumento da escassez dos recursos hídricos tem proporcionado diversos estudos visando um gerenciamento melhor desses sistemas. A análise de diferentes atributos, em diferentes escalas temporais e espaciais da comunidade fitoplanctônica se encaixa nesse contexto, pois esses organismos respondem rapidamente às mudanças do ambiente aquático, funcionando como sensor refinado das variáveis ambientais. Este trabalho faz parte de um projeto maior que objetiva o balanço de carbono em oito reservatórios de Furnas Centrais Elétricas S.A., sendo o fitoplâncton um importante componente biótico na rota do carbono. O estudo ora proposto visa conhecer a dinâmica nictemeral da população fitoplanctônica no Reservatório de Serra da Mesa, situado na Região Centro-Oeste brasileira, Estado de Goiás. O principal rio da bacia de drenagem é o Tocantins e o reservatório é o maior do Brasil em volume d'água (54 km³) e o quinto maior em área alagada (1.784 km²). As coletas foram realizadas, em dois períodos climatológicos (chuvas-março e estiagem-julho/04), durante 24 horas, num intervalo de 4 horas entre as coletas. As amostras, para o perfil vertical, foram realizadas em cinco diferentes profundidades: superfície, 5m, 10m, 30m e 50m para ambos os períodos. O fitoplâncton está sendo quantificado em microscópio invertido, pelo método de sedimentação de Utermöhl (1958) e o biovolume será avaliado através de dimensões médias de pelo menos 25 indivíduos, utilizando-se formas geométricas aproximadas às formas dos mesmos (Hillebrand et al., 1999). Durante as coletas o perfil térmico foi estratificado, com anoxia no hipolimnio, pH fluando entre alcalino a levemente ácido (8,5 a 6,6) e condutividade elétrica da água entre 51 e 140 uS.cm⁻¹, nos dois períodos de amostragens. O presente trabalho encontra-se em fase inicial da quantificação da comunidade fitoplanctônica, porém, em estudo anterior realizado nesse reservatório, na mesma época, foi observado que o grupo das Cianobactérias apresentou a maior biomassa em todas as profundidades, representado, sobretudo, por *Cylindrospermopsis raciborskii*, espécie microplanctônica R-estrategista, comum em ambientes limitados por luz e/ou por nitrogênio (Reynolds, 1994). A análise nictemeral permitirá uma melhor compreensão da distribuição do fitoplâncton, principalmente das cianobactérias ao longo de toda a coluna d'água durante o ciclo diário. Referências: Hillebrand, H.; Dürselen, C; Kirschtel, D; Pollinger, U.; Zohary, T. 1999. Biovolume calculation for pelagic and benthic microalgae. J. Phycol., 35: 403-424. Reynolds, C.S. 1994. The long, the short and the stalled: on the attributes of phytoplankton selected by physical mixing in lakes and rivers. Hydrobiologia, 289: 9-14. Utermöhl, H. 1958. Zur vervollkommnung der quantitativen phytoplankton metodik. Mitt. Int. Ver. Theor. Angew. Limnol., 9:1-38.

Código: 2443 - Dinâmica Nictemeral Vertical do Fitoplâncton no Reservatório de Serra da Mesa (GO) em Diferentes Períodos Climatológicos

NAIA OLIVEIRA DE ABREU NASCIMENTO (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS

Orientação LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA

VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR

FÁBIO ROLAND

Atualmente a crescente preocupação com o aumento da escassez dos recursos hídricos tem proporcionado diversos estudos visando um gerenciamento melhor desses sistemas. A análise de diferentes atributos da comunidade fitoplanctônica, em diversas escalas temporais e espaciais se encaixa nesse contexto, pois esses organismos respondem rapidamente às mudanças do ambiente aquático, funcionando como sensor refinado das variáveis ambientais. Dessa forma, o estudo ora proposto visa conhecer a dinâmica nictemeral vertical do fitoplâncton no Reservatório de Serra da Mesa, situado na Região Centro-Oeste brasileira, Estado de Goiás. Essa análise permitirá uma melhor compreensão da distribuição dessa comunidade, ao longo de toda a coluna d'água em dois ciclos diários (um nas chuvas e outro na estiagem). O principal rio da bacia de drenagem é o Tocantins e o reservatório é o maior do Brasil em volume d'água (54 km³) e o quinto maior em área alagada (1.784 km²). As coletas foram realizadas em dois períodos climatológicos (chuvas-março e estiagem-julho/04), durante 24 horas, num intervalo de 4 horas entre as amostragens, em cinco diferentes profundidades: superfície, 5m, 10m, 30m e 50m. Durante as coletas, o reservatório encontrava-se estratificado térmica e quimicamente, com temperaturas mais elevadas até os 10m de profundidade, anoxia no hipolímnio, pH fluando entre alcalino a levemente ácido (8,5 a 6,6) e a condutividade elétrica da água variando entre 51 e 140 uS.cm⁻¹, nos dois períodos de amostragens. Com relação ao fitoplâncton, a quantificação está sendo feita em microscópio invertido, pelo método de sedimentação de Utermöhl (1958) e o biovolume será avaliado através de dimensões médias de pelo menos 25 indivíduos, utilizando-se formas geométricas aproximadas às formas dos mesmos (Hillebrand et al., 1999). O presente trabalho encontra-se em fase inicial da quantificação da comunidade fitoplanctônica, porém, em estudo anterior realizado nesse reservatório, na mesma época, sobre a distribuição espacial do fitoplâncton, foi observado que o grupo das Cianobactérias apresentou a maior biomassa em todas as estações de coletas, representado, sobretudo, por *Cylindrospermopsis raciborskii*, espécie microplanctônica R-estrategista, comum em ambientes limitados por luz e/ou por nitrogênio (Reynolds, 1994). Referências: Hillebrand, H.; Dürselen, C; Kirschtel, D; Pollinger, U.; Zohary, T. 1999. Biovolume calculation for pelagic and benthic microalgae. *J. Phycol.*, 35: 403-424. Reynolds, C.S. 1994. The long, the short and the stalled: on the attributes of phytoplankton selected by physical mixing in lakes and rivers. *Hydrobiologia*, 289: 9-14. Utermöhl, H. 1958. Zur vervollkommung der quantitativen phytoplankton metodik. *Mitt. Int. Ver. Theor. Angew. Limnol.*, 9:1-38.

Código: 2612 - Análise de Dois Exemplares de *Ichthyosauria* (Reptilia) do Jurássico da Europa

TIAGO RODRIGUES SIMÕES (Sem Bolsa)

Área Básica: PALEOZOOLOGIA

Orientação: ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER

TAÍSSA RODRIGUES MARQUES DA SILVA

Os ictiossauros compreendem um grupo extinto de répteis marinhos que viveram durante a Era Mesozóica, entre o Triássico Inferior (Olenekiano) e o início do Cretáceo Superior (Cenomaniano). Este grupo pertence ao clado Ichthyopterygia (Reptilia, Diapsida), que possui cerca de 80 espécies válidas, tendo sido um dos principais predadores marinhos de sua época e provavelmente com ampla distribuição global [1]. No entanto, até o presente momento não foram descritos exemplares ocorrentes no território brasileiro. Neste trabalho, analisamos duas placas de folhelho contendo espécimes de ictiossauros provenientes da Europa, depositados na Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional/UFRJ e redescobertos após um recente levantamento da mesma. O exemplar MN 1315-V, proveniente de Somerset, Inglaterra, consiste em um crânio comprimido lateralmente, com alguns elementos deslocados de sua posição natural; partes da cintura escapular e elementos de uma das nadadeiras anteriores, incluindo um úmero direito. Além destes, há elementos da cintura pélvica, dois fêmures, pequenas costelas e vértebras próximas à região apical da cauda. No úmero, a região distal é mais larga que a proximal, e, além disto, o púbis e o ísquio são fundidos proximalmente formando uma cintura pélvica tripartida, sendo estes fatores diagnósticos do gênero *Ichthyosaurus*. As proporções tomadas da região orbital e do focinho em relação ao tamanho estimado da mandíbula indicam que este exemplar pertence à espécie *Ichthyosaurus communis*. Considerando-se isto e o fato das falanges da nadadeira superior serem de formato mais poligonal do que arredondado e bem compactadas, deduz-se que este exemplar é, de fato, proveniente da região de Somerset, cujos exemplares de *I. communis* possuem estas características [1]. Já o exemplar MN 1314-V, proveniente também da Inglaterra, está bem fragmentado, tendo sido preservados apenas um úmero, com rádio e ulna articulados; um fêmur, com tibia e fibula, assim como poucas vértebras preservadas fora da sua posição original. Contudo, a morfologia dos elementos mencionados para a nadadeira superior e inferior é extremamente similar às do gênero *Ichthyosaurus* quando comparadas às de outros membros de Parvipelvica da Europa, permitindo-nos crer que este é o gênero ao qual pertence o dito espécime. Ao nosso conhecimento, estes são os únicos indivíduos de Ichthyopterygia pertencentes a uma coleção paleontológica pública no Brasil. Além disto, o exemplar MN 1315-V pertence a uma das espécies mais

estudadas deste grupo, com centenas de espécimes já catalogados [2], sendo conseqüentemente uma ótima fonte de estudos para os Ichthyopterygia no Brasil. [1] C. McGowan and R. Motani, Handbook of Paleoherpertology, Verlag Dr. Friedrich Pfeil - München, Part 8, 2003. [2] Motani, R., True skull roof configuration of Ichthyosaurus and Stenopterygius and its implications, Journal of Vertebrate Paleontology, vol. 25 (2), 2005, pag. 338-342.

**Código: 3225 - Variabilidade Morfológica em Microscleras
de *Monanchora arbuscula* (Duchassaing & Michelotti, 1864) no
Atlântico Tropical Ocidental (*Crambeidae*, *Poecilosclerida*, *Demospongiae*)**

VIVIANE PERDOMO SANTOS (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: EDUARDO LEAL ESTEVES
EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU

Monanchora arbuscula (Duchassaing & Michelotti, 1864) apresenta notável polimorfismo quanto às combinações de hábito de crescimento e categorias espiculares. A dificuldade em se caracterizar claramente variabilidade intra- vs. interespecífica no gênero, foi um dos motivadores da revisão taxonômica deste táxon, parte da qual é apresentada aqui. Objetiva-se aqui analisar morfológicamente as microscleras de *M. arbuscula*, utilizando-se de espécimes provenientes de várias localidades ao longo da sua distribuição (Atlântico Ocidental Tropical: da Flórida - mar do Caribe, ao sudeste da costa brasileira). Foram examinados para tanto, cerca de 100 espécimes (a maioria da costa brasileira) depositados nas coleções ZMA (Zoölogisch Museum, Universiteit van Amsterdam, Amsterdam, Holanda), e MNRJ e UFRJPOR (ambas depositadas no Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro). As microscleras de vários morfotipos foram examinadas ao microscópio óptico e ao microscópio eletrônico de varredura. Foram medidas até 30 espículas de cada categoria. Puderam ser observadas três categorias de microscleras: isoquelas ancoradas, quelas sigmóides reduzidas e microrrábdos. As isoquelas ancoradas variam entre unguiferadas e espatulíferas, com considerável plasticidade na forma. Normalmente apresentam três a cinco alas em cada garra, uma frontal e duas a quatro laterais (duas de cada lado), além de um par de fimbrias bem desenvolvidas partindo de cada garra e estendendo-se por todo o eixo. Comprimento: 14-21,2-29 μm . As quelas sigmóides reduzidas podem ser similares a sigmas (porém com contorno irregular) ou apresentam expansões laterais no centro do eixo. Comprimento: 10-12, 0-14 μm . Os microrrábdos são retos ou levemente curvos e espinados ao longo de todo o eixo. Comprimento: 28-32, 5-38 μm . A ocorrência das três categorias de microscleras em um mesmo indivíduo é rara, tendo sido esta observada apenas em alguns espécimes da região do Caribe e do sudeste da costa brasileira. Normalmente os espécimes apresentam ou isoquelas ancoradas, ou quelas sigmóides reduzidas, ou uma combinação das duas primeiras, ou ainda isoquelas ancoradas e raros microrrábdos. A maioria dos espécimes do nordeste da costa brasileira não apresenta microscleras ou têm apenas quelas sigmóides reduzidas e, algumas vezes, raras isoquelas ancoradas. Já em espécimes da região sudeste do Brasil as microscleras são mais comuns, mas os microrrábdos são sempre relativamente raros. Qualitativamente, não há relação entre o hábito de crescimento dos espécimes e a presença/ausência de microscleras, mas na costa brasileira, espécimes incrustantes apresentam maior abundância destas espículas.

**Código: 3423 - Contribuição do Programa de Iniciação Científica Júnior
à Preservação da Memória do Museu Nacional/UFRJ**

NICOLLE BATISTA BENETT (IC-Junior)

ANA CAROLYNA MAIA DUARTE (IC-Junior)

PAULO RODRIGO VERÇOSA BARROS (IC-Junior)

Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS
CÉLIA MARIA GOMES MAIA
SILVIA NINITA DE MOURA ESTEVES
PAULA MARIA VAN BIENE

O Museu Nacional, unidade isolada da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, por meio de convênio com o Colégio Pedro II, abriu espaço em seus laboratórios e serviços para treinamento de alunos do ensino médio por meio do Programa de Iniciação Científica Júnior com o objetivo de realizar a interação entre os profissionais da instituição e jovens adolescentes na fase de buscar uma definição de carreira. O presente trabalho é o resultado da participação dos alunos do Pedro II em três frentes de trabalho na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR): Livros de Registro de Freqüências, Análise do conteúdo do periódico Arquivos do Museu Nacional (1876 - 2008) e Identificação do microfilme do Fundo Museu Nacional Diretoria - Série Avisos e Ofícios (1810-1875), contribuindo dessa forma, com o resgate e preservação da memória da instituição, parte da memória da UFRJ e da ciência no Brasil.

Código: 3469 - Utilizando os Programas UFOcapture, UFOanalyzer e UFOOrbit para Determinar a Órbita de Bólidos e Meteoros Capturados por Duas Câmaras All-Sky

DEBORAH ACEDO GUEDES (IC-Junior)

Área Básica: ASTRONOMIA DE POSIÇÃO E MECÂNICA CELESTE

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

O programa UFOcapture é um software que começa gravando no disco rígido do computador desde poucos segundos antes da ação reconhecida até poucos segundos após a ação terminada. Trata-se de um programa Microsoft Windows que reconhece o movimento sendo possível capturar fenômenos como meteoros, bólidos, prites, balas traçantes etc. Após a captura das imagens com o UFOcapture, utiliza-se o UFOanalyzer, que permite calcular direções e elevações precisas do meteoro e utilizando-se em seguida o programa UFOOrbit é possível determinar a órbita do bólido observado se este for capturado por mais de dois sítios. O sinal de vídeo é capturado em tempo real e analisado pelo software “UFOcapture” da SonotaCo, ([HTTP://sonotaco.com/e_index.html](http://sonotaco.com/e_index.html)), que permite detectar qualquer objeto que se mova incluindo meteoros. A resolução do sistema é 720x540 e o limite de captura de +5.5 e meteoros até magnitude +3 podem ser detectados. O sistema trabalha praticamente autonomamente. A precisão astrométrica embora seja prejudicada pela esfericidade do espelho e o sistema de TV é satisfatório. O “UFOanalyzer” reduz o erro para aproximadamente 0.05 graus para o trecho do Zenith a 60° chegando a cerca de 1° para o horizonte. Com os programas UFOcapture e UFOanalyzer se é capaz de capturar meteoros e determinar a radiante, contudo para se determinar a órbita seriam necessárias pelo menos outras duas estações.

Código: 392 - Gênese e Evolução do Abrigo sob Rocha em Tufa Calcária do Caxangá I, Município de Itaocara (RJ)

RENAN MONTEIRO DE BARROS CAVALCANTI (Sem Bolsa)

FILIFE MENEZES ROCHA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ESTRATIGRAFIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS

Durante os trabalhos de prospecção desenvolvidos pela Sociedade Carioca de Pesquisas Espeleológicas na segunda metade dos anos 90, foram encontrados diversos depósitos de tufas calcárias na periferia da grande lente de mármore de idade proterozóica, que forma as serras das Águas Quentes e do Cândido, nos municípios de Itaocara e Cantagalo. Tais depósitos constituem as únicas ocorrências desta litologia no Estado do Rio de Janeiro, e formam cavidades subterrâneas do tipo “abrigo sob rocha”, dotados de diversos tipos de espeleotemas (estalactites, estalagmites, cortinas, escorrimentos, pérolas de caverna). Um destes depósitos, situado na localidade de Caxangá (distrito de Laranjal), constitui um sítio de notável interesse geológico, paleontológico e espeleológico, e será enfatizado neste trabalho. O abrigo sob rocha do Caxangá I, localizado no sopé da Serra do Cândido, foi formado através da progradação de sedimentos carbonáticos (tufas) sobre a borda de uma escarpa de mármore de onde pendia abundante vegetação (raízes, galhos), que foi sendo paulatinamente incrustada por calcário, depositado por águas ricas em íons de cálcio provenientes da dissolução dos mármore. O substrato do abrigo sob rocha encontra-se erodido, expondo uma seção completa, em cuja base ocorre camada de 60 cm de brecha formada por blocos de mármore tamanho calhau até matacão fino, cimentada por carbonato de cálcio rico em sedimentos terrígenos, além de carapaças de gastrópodes. Uma amostra de tufa da base substrato da cavidade foi datada pelo método do radiocarbono, fornecendo idade de 20.500 ± 240 anos, corrigida para o fracionamento isotópico anual e apresentada em idade convencional não calibrada em anos antes do presente (AP). Esta brecha sugere um período de recuo da escarpa de mármore durante clima mais seco, quando predominava o intemperismo físico sobre o químico. Posteriormente, passou a correr água nesta escarpa, transportando sedimentos clásticos e precipitando CaCO_3 , cimentando o depósito rudáceo. Nesta fase de maior umidade, desenvolveu-se vegetação no topo da escarpa - principalmente raízes pendentes - favorecendo a progradação das tufas calcárias. O contínuo gotejamento e escorrimento de água a partir da franja de tufa formou acima da brecha basal um estrato de tufa laminada de 2 m de espessura e, acima deste, 20 cm de calcário travertino laminado. A evolução deste depósito foi interrompida a partir do momento em que as águas superficiais deixaram de fluir, em um período de dessecação regional ainda não datado. O modelo de formação deste depósito pode ser correlacionado ao do tipo Cascata (Cascade). O início da formação do abrigo sob rocha do Caxangá I remonta ao Pleistoceno tardio, que coincide com o último período glacial, quando o Sudeste do Brasil estava sujeito a climas mais secos. Portanto, a vigência de condições climáticas mais úmidas indicadas pelo desenvolvimento de diversos depósitos de tufa pode representar um microclima local naquela época.

Código: 174 - Projeto Central: Maquete, Modelo Bidimensional para o Tridimensional - O Campo no Laboratório

LÁZARO GABRIEL DO NASCIMENTO ALVES (CNPq-IC Balcão)

Área Básica: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARÃES

MARIA DA CONCEICAO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO

O Projeto Central, Museu Nacional, UFRJ, desde 1982, atua no interior do Estado da Bahia, abrangendo vários municípios, inseridos em uma área de 100.000 Km². O Projeto está desenvolvendo pesquisas mesclando a Arqueologia com diversos outros campos do saber, promovendo a valorização do patrimônio arqueológico (pré-histórico e histórico)

e social dessa região do Nordeste Brasileiro. As pesquisas da região demandaram a aproximação do campo para o laboratório, partindo da realidade bidimensional (Carta Topográfica - Central (Bahia), escala 1:100.000, Folha SC-23-X-II, IBGE - 1968) para realidade tridimensional da maquete (modelo reduzido e simplificado da carta). A maquete tem como objetivos: possibilitar aos pesquisadores o entendimento da linguagem cartográfica (altimétrica, vegetação, hidrografia etc.) com as diferentes correlações topográficas; a percepção das diversas visões do modelo (horizontal, vertical e oblíqua), facilitar o planejamento das atividades de campo no laboratório, analisando os agentes naturais e antrópicos que afetam a preservação dos sítios arqueológicos; observar o todo para melhor compreender as partes e como as partes influenciam o todo (interações naturais, sociais e econômicas que circunvizinham os locais pesquisados). O trabalho foi elaborado a partir do tracejado da carta, curvas de nível, extraídas para confecção da maquete, respeitando a nomenclatura, as convenções cartográficas e a escala da carta. Os materiais utilizados são placas de isopor de 0.5 (cada placa de 0.5 equivale a uma curva de 500m), 1.0 e 2.0 centímetros, massa corrida para o revestimento e tintas (para representar a vegetação, a hidrografia, o relevo, o sistema viário e as sedes municipais). A legenda apresenta: a toponímia da carta e a graduação de cores empregadas na maquete, às escalas da carta e da maquete, resumo dos municípios e o pontos de importância pré-histórica e histórica de cada localidade pesquisada pelo Projeto. Os pontos plotados na maquete possibilitaram a correlação das pesquisas, enriquecendo o fichário de informações dos sítios arqueológicos; difundido no meio externo ao laboratório (locais exposições e eventos) a importância da educação/preservação patrimonial para a manutenção dos ambientes naturais e sociais historicamente constituídos.

Código: 487 - Caracterização Estratigráfica e Paleoambiental dos Depósitos Siliciclásticos da Formação Whisky Bay na Praia de Bibby Point, Norte da Ilha James Ross (Península Antártica)

ANDRÉ PIRES NEGRÃO (Bolsa de Projeto)

Área Básica: ESTRATIGRAFIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS
MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO

A parte norte da Península Antártica, do Jurássico superior até o Paleógeno, constitui um arco vulcânico formado pela subducção da (proto)-placa Pacífica sob a micro-placa da Península Antártica. Na Ilha James Ross, maior ilha do litoral leste da Península, a espessa sucessão sedimentar aflorante representa o preenchimento de uma bacia de back arc, denominada bacia de Larsen. Esta foi preenchida por detritos originados da erosão das sucessões sedimentares do Grupo Trinity Península (turbiditos de idade permo-triássica) e das rochas vulcânicas (tufos, andesitos e riolitos) e plutônicas calco-alcálicas do Grupo Vulcânico Península Antártica. Na área de estudo, que compreendeu a extremidade norte da Ilha James Ross, afloram as sucessões sedimentares cretáceas incluídas nas formações Whisky Bay, Hidden Lake e Santa Marta, além das rochas do Grupo Vulcânico Ilha James Ross, de idade neogênica. A Formação Whisky Bay, de idade albiânica a coniaciana, pertence ao Grupo Gustav e possui espessura máxima de 700 m. Aflora ao longo do litoral noroeste da Ilha James Ross em uma faixa de 30 km de orientação NE-SW, descontínua e arqueada, situada entre o Cape Obelisk, mais a sul, e a praia de Bibby Point, na extremidade norte da ilha. Constitui uma sucessão de conglomerados, brechas, arenitos e lamitos depositados em ambiente marinho em profundidades estimadas entre 300 e 1.000 m. Durante os trabalhos de campo do Projeto PALEONTAR, entre os dias 26 de janeiro e 6 de fevereiro de 2007, foram elaborados dois perfis estratigráficos detalhados (WB 1 e WB 2) na escala 1:100, compreendendo 166 m de sucessão sedimentar. Ao longo da praia, cuja orientação é E-W, as camadas mergulham para sudeste com ângulos entre 20 e 30°. Os perfis WB 1 (101 m, base) e WB 2 (65 m, topo) mostram intercalações decamétricas (10 a 30 m) de pacotes de arenitos grossos lamosos com estratificação paralela, conglomerados finos estratificados e brechas maciças sustentadas pelos clastos, além de escassos arenitos finos maciços e camadas pelíticas bioturbadas; pacotes de brechas médias a grossas com clastos intrabasinais e de rochas sedimentares mais antigas, alternadas com arenitos grossos seixosos; e de pacotes de arenitos médios a grossos com estratificação fina (thin bedded sandstones), arenitos seixosos e escassos níveis pelíticos com pequenos troncos carbonizados. As camadas de brechas desorganizadas com clastos angulosos intrabasinais e de rochas sedimentares mais antigas com até 3 m de diâmetro, bem como as camadas areníticas intensamente deformadas observadas no perfil WB 2, indicam sedimentação através de deslizamentos gravitacionais da borda de um talude, que formavam depósitos de aprons em seu sopé. As camadas conglomeráticas, areníticas e pelíticas sugerem sedimentação através de correntes de turbidez de alta densidade em um sistema distributário submarino, cujos detritos eram transportados de uma plataforma continental provavelmente estreita, através de um cânion que cortava o talude.

Código: 797 - O Método de Triagem de um Sambaqui: O Achado de uma Pérola no Sítio Usiminas

RENATA VERDUN DA SILVA CARMO (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA
CARLA DE MORAES RIBEIRO

O litoral brasileiro do Rio Grande do Sul ao estado da Bahia foi ocupado durante aproximadamente 4000 anos por grupos que compartilhavam traços de uma cultura, que se caracterizava em acumular num único local, conchas de moluscos, ossos de animais, ocre, ouriço e artefatos como lascas líticas, vértebras trabalhadas, pontas ósseas, dentes de tubarão perfurados, lâminas de machado, etc. A dieta alimentar sambaquieira era bem diversa, incluía peixes, aves,

pequenos roedores, mamíferos, moluscos. Estes últimos eram coletados em vários ambientes como rios, lagos, terra e mar, e demonstram impressionante variedade de espécies. Uma delas é a *Ostraea* sp, pertencente à família ostreidae, este molusco bivalve é conhecido pela sua capacidade de produzir pérolas; estas são formadas pela deposição de nácar ao redor de uma partícula invasora que penetra entre seu manto e sua concha. Apesar de a *Ostraea* sp ser um alimento consumido pelos grupos sambaquieiros, a bibliografia arqueológica levantada até o momento não menciona o aparecimento de pérolas em sambaquis. Todavia, a partir de um processo de triagem sistemático executado em laboratório, pôde-se identificar uma pérola no material coletado do sítio Usiminas, localizado na Ilha do Cabo Frio, no município de Arraial do Cabo, no litoral sudeste do Estado do Rio de Janeiro. O material coletado das escavações de 2006 foi peneirado em malha de 0,2 cm e triado em laboratório e o aparecimento de uma pérola pode estar relacionado à adoção deste método. A identificação deste achado pode conduzir a uma reflexão acerca da importância do método de triagem e sobre o aumento das possibilidades de identificação e sobre a presença de pérolas em sambaquis.

Código: 619 - Caracterização Litofaciológica do Depósito de Leque Aluvial da Fazenda Bom Retiro (Distrito de Bulhões, Porto Real/RJ), e Seu Significado na Evolução Paleogênica do Gráben Resende

RICARDO ARAGÃO RIBEIRO (Sem Bolsa)

FÁBIO BELCHIOR COSTA (Sem Bolsa)

Área Básica: ESTRATIGRAFIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS

A bacia de Resende, situada no segmento central do Rifte Continental do Sudeste do Brasil, constitui um hemi-gráben formado a partir de um processo distensional NW-SE que produziu a reativação de antigas discontinuidades proterozóicas de orientação ENE-WSW. A partir da movimentação normal da falha principal da bacia em sua borda norte, formaram-se diversos leques aluviais coalescentes, cujos depósitos contribuíram significativamente para o preenchimento da depressão tectônica. A presença de depósitos de leques aluviais é registrada, mesmo que de forma descontínua, ao longo da borda principal da bacia, notadamente na faixa adjacente ao maciço alcalino do Itatiaia e na região de Penedo. Os depósitos de leques aluviais formados na franja do maciço do Itatiaia, ricos em detritos derivados de origem alcalina (litoclastos de sienito e traquito/fonolito, além de abundante cristaloclastos de ortoclásio), foram incluídos no Membro Itatiaia da Formação Resende. As principais litofácies destes depósitos são brechas e conglomerados maciços sustentados pelos clastos (“fanglomerados”) e pela matriz; arenitos arcoseanos lamosos maciços e lamitos seixosos, depositados através de fluxos gravitacionais, além de conglomerados e arenitos com estratificação planar ou cruzada, depositados por fluxos trativos unidirecionais que retrabalhavam a superfície dos leques. Até recentemente, não eram conhecidos depósitos rudáceos de leques aluviais na borda sul da bacia, quando foi identificada uma sucessão de camadas depositadas através de fluxos densos de alta energia, na região da Faz. Bom Retiro, próxima à borda norte do maciço alcalino do Morro Redondo. Este trabalho tem como objetivo específico a caracterização litofaciológica deste depósito através de um perfil colunar detalhado, bem como seu mapeamento na escala 1:25.000 e a análise petrográfica dos arenitos, sendo que o objetivo principal é identificar a relação deste com a evolução da borda sul da bacia. O depósito da Fazenda Bom Retiro é formado pela superposição de camadas de brechas sustentadas por matriz lamítica arenosa com seixos, amalgamadas, com clastos de sienitos (de até 60 cm) e de quartzo do embasamento; lamitos arenosos e arenitos lamosos arcoseanos com seixos e blocos de sienitos dispersos, bem como arenitos médios a grossos arcoseanos, com matriz lamítica derivada da decomposição dos feldspatos. Em relação ao significado da presença deste depósito na borda passiva da bacia, cabe destacar que hemi-grábens tendem a evoluir para grábens simétricos com o passar do tempo, através do desenvolvimento de falhas antitéticas à falha principal. Portanto, o antigo leque aluvial da Faz. Bom Retiro teria se desenvolvido adjacente a uma escarpa de falha, formada durante um processo inicial de perda de assimetria do hemi-gráben, favorecido ainda pelo desnível topográfico acentuado entre o Morro Redondo e a região circundante, devido à erosão diferencial do maciço alcalino cretáceo e de seu embasamento proterozóico.

**Código: 3071 - Infância e Saúde na Pré-História:
O que Podemos Recuperar a partir das Coleções Osteológicas?
Estudo de Caso da Coleção do Sambaqui de Cabeçuda (SC)**

PEDRO SUCUPIRA DE TOLEDO (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO

ADILSON DIAS SALLES

RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA

O presente trabalho, ainda em desenvolvimento, tem como principal objetivo a discussão sobre a representatividade de remanescentes esqueléticos de indivíduos imaturos (do nascimento até a adolescência) em coleções osteológicas humanas de proveniência arqueológica (especificamente de populações litorâneas) e seu potencial informativo para investigação de condições gerais de saúde infantil. A coleção selecionada para o estudo pertence ao sítio arqueológico denominado Sambaqui de Cabeçuda, localizado em Laguna, Santa Catarina, construído por uma

população pré-histórica de pescadores-caçadores-coletores que lá sepultou seus mortos há pelo menos 4.000 anos. Tal sítio foi escavado na década de 1950, pelo antropólogo Luis de Castro Faria. O material recuperado encontra-se sob a guarda do Museu Nacional/UFRJ. A coleção osteológica compõe-se de 274 registros. Pela forma com que esses registros foram estabelecidos entende-se que cada um corresponde a um indivíduo, podendo, eventualmente, um registro corresponder a mais de um indivíduo. As condições de preservação do material são muito variadas e alguns indivíduos encontram-se bastante fragmentados e/ou representados por poucos ossos remanescentes. A idade e o sexo de alguns indivíduos encontram-se indicados no livro de tombo. Todavia, pelo menos 180 registros permanecem sem qualquer informação. Uma revisão de todo material encontra-se em fase final, com a finalidade de definir o número mínimo de indivíduos imaturos na coleção e sua distribuição etária (quantos infantes, crianças e adolescentes). Os dados preliminares sugerem a presença de cerca de 60 indivíduos imaturos, ou seja, 21,28% da coleção. As mortes parecem concentrar-se abaixo dos 12 anos de idade. Todavia apenas após o final das análises será possível detalhar o perfil de mortalidade entre imaturos desta coleção e recuperar outras informações relevantes para inferir condições gerais de saúde.

**Código: 1916 - Estudos Anatômicos de Madeiras Carbonizadas da Coleção de Referência
Antracológica do Setor de Paleobotânica e Paleopalinologia do DGP/MN:
*Burseraceae, Cactaceae, Capparaceae***

ALISSON RANGEL (CNPq-IC Balcão)
Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT
MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO

A interpretação dos dados paleoambientais e paleoclimáticos do Quaternário é feita por comparação com ecossistemas atuais, e depende de um bom conhecimento da flora e das espécies da região de estudo, especialmente em regiões tropicais, onde a grande biodiversidade faz com que os vegetais passíveis de preservação nos sedimentos sejam ainda relativamente mal conhecidos. A identificação taxonômica de restos vegetais é feita a partir da comparação entre espécimens conhecidos e o material a ser identificado. As coleções de madeira e carvões atuais depositadas no Setor de Paleobotânica e Paleopalinologia do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional (UFRJ) contam atualmente com cerca de 2000 amostras de várias formações vegetais brasileiras, especialmente Mata Atlântica, mata semidecídua, cerrado, restinga e manguezal. Estas coleções visam subsidiar estudos em antracologia, disciplina que tem por objetivo a análise de carvões visando reconstituir a paleovegetação e o paleoclima e fornecer informações paleoetnobotânicas. A determinação sistemática dos carvões é feita com base na estrutura anatômica da madeira, que se conserva perfeitamente após carbonização. O presente trabalho apresenta a descrição das seguintes espécies: *Protium brasiliense* (Spreng.) Engl., *P. heptaphyllum* (March) e *P. icariba* (DC.) Marchand (*Burseraceae*); *Cereus* sp. (*Cactaceae*); *Capparis cyanophallodora* L., *C. flexuosa* L., *C. nectarea* Vell., *Cleome pichinehensis* e *Crateva tapia* L. (*Cappaceae*). A análise morfométrica dos carvões foi feita a partir da quebra manual das amostras segundo os três planos fundamentais da madeira e de sua observação em microscópico de luz refletida. Os caracteres da estrutura anatômica da madeira usualmente analisados foram mensurados numa ocular micrométrica, baseando-se em critérios internacionais estabelecidos pela Associação Internacional de Anatomistas da Madeira. Os resultados obtidos, consistindo em descrições da anatomia do lenho das espécies estudadas, foram inseridos no banco de dados "Atlas Brasil", que reúne uma chave de identificação antracológica a um software associado a um banco de dados informatizado contendo informações de anatomia da madeira, que pode ser utilizado como chave de identificação em estudos antracológicos. A correta descrição anatômica destas amostras permite uma maior fiabilidade na identificação dos fósseis, além de contribuir para um melhor conhecimento da anatomia do lenho de espécies brasileiras.

**Código: 2525 - O Uso do Sílex pelo Grupo Pescadores-Coletores-Caçadores
do Litoral Sudeste do Estado do Rio de Janeiro: O Caso do Sítio Usiminas**

RENATA VERDUN DA SILVA CARMO (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA
CARLA DE MORAES RIBEIRO

Numa triagem minuciosa realizada em laboratório foi possível a identificação de alguns fragmentos de sílex no material coletado do sítio Usiminas, localizado na Ilha do Cabo Frio no município de Arraial do Cabo, no litoral sudeste do Estado do Rio de Janeiro. As informações levantadas até o momento sobre a cultura sambaquieira do litoral brasileiro não assinalam para a ocorrência desse material em sambaquis. Até o momento, o uso do sílex tem sido associado ao grupo caçadores-coletores do interior, que o utilizavam como matéria-prima para a fabricação de pontas de projétil. Entretanto, na análise morfológica dos fragmentos, constatou-se que não se tratavam de restos produzidos para elaboração de artefatos. Além disso, não se sabia da existência de um veio considerável desse material na região. Uma observação mais detalhada permitiu também que fosse percebida uma coloração avermelhada em algumas peças, que lembravam óxido de ferro, dificultando, assim, a identificação dos mesmos. Num primeiro momento, pensou-se que o sílex encontrado poderia estar relacionado a um possível contato com grupos caçadores-coletores do interior. Para testar esta hipótese foi solicitada

a colaboração de um especialista em pedologia do Museu Nacional para a confirmação de que os fragmentos se tratavam realmente de sílex. Após a confirmação pedológica, o sílex triado foi levado à geólogos especializados que afirmaram haver pequenas concentrações dele na região. Já a coloração avermelhada de alguns fragmentos sugere uma agregação de óxido de ferro ao sílex. Diante dessas informações, é possível elaborar a hipótese de que, na verdade, o óxido de ferro agregado ao sílex era a matéria prima utilizada pelos sambaqueiros na preparação de corantes. Essa hipótese pode ser corroborada pelos fragmentos irregulares de sílex, sugerindo que eles seriam resultantes de uma fragmentação para a retirada do óxido de ferro. E graças às informações multidisciplinares, foi possível responder o motivo da presença do sílex num sítio do litoral.

Código: 981 - Ovos de Copépodes Quaternários da Bacia de Campos

ARTHUR G. GRAVATO RODRIGUES (CNPq/PIBIC)
Área Básica: PALEONTOLOGIA ESTRATIGRÁFICA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
RITA SCHEEL-YBERT

Os copépodes são considerados os organismos mais abundantes do zooplâncton de águas costeiras e tropicais. Eles desempenham também um papel primordial na cadeia alimentar de ecossistemas aquáticos. Estes organismos são registrados desde o Cretáceo Inferior e seu registro fóssil é representado por ovos observados em lâminas palinológicas. Para o estudo, utilizou-se 18 amostras quaternárias de dois testemunhos retirados da Bacia de Campos. As amostras foram preparadas segundo o método padrão para análise de palinologia. Para tal estudo, elas foram avaliadas através de microscopia em luz branca transmitida, onde os ovos de copépodes foram contados e classificados em morfotipos conforme Van Waveren (1992). Foram realizadas comparações das frequências relativas dos morfotipos com outros grupos de palinómorfs (esporómorfs, dinoflagelados, algas de água doce e palinoforaminíferos) e comparações da distribuição das associações de ovos de copépodes entre os dois testemunhos. As frequências relativas dos ovos de copépodes também foram submetidas a análises estatísticas (análise de agrupamento e Principais Componentes) objetivando verificar a relação ecológica com os outros grupos de palinómorfs. Foram identificados 17 morfotipos dos 20 apresentados por Van Waveren (1992). O morfotipo 5 é o mais abundante. A análise de agrupamento revelou três agrupamentos: OC1 (morfotipos 11, 13, 14 e 15), OC2 (6, 8, 10, 12, 16, 18 e 19) e OC3 (2, 3, 4, 5, 7 e 9). Uma análise de agrupamento entre os grupos OC1, OC2, OC3, palinómorfs marinhos (dinoflagelados e palinoforaminíferos) e palinómorfs continentais (esporómorfs e algas de água doce) mostrou que OC1 e OC2 estão mais relacionados com palinómorfs marinhos e OC1 com palinómorfs continentais. A análise dos Principais Componentes revelou dois componentes principais. O componente 1 é interpretado como um fator continental (0,96) associado aos palinómorfs continentais e OC1. Já no componente 2 o fator é associado aos grupos OC2 (0,83) e OC3 (0,88) que tem uma similaridade com os palinómorfs marinhos. VAN WAVEREN, I.M., 1992. Morphology of probable planktonic crustacean eggs from the Holocene of the Banda Sea (Indonesia). In: HEAD, M.J. & WRENN, J.H. (Eds.) Neogene and Quaternary Dinoflagellate cysts and acritarchs. Dallas: American Association of Stratigraphic Palynologists Foundation, p.89-120.

Código: 2536 - Identificação e Resgate de um Sítio Arqueológico no Município de Armação de Búzios

RENATA VERDUN DA SILVA CARMO (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA
CARLA DE MORAES RIBEIRO

Em março de 2008, no Município de Armação de Búzios, litoral sudeste do Estado do Rio de Janeiro, foram realizadas atividades de identificação e coleta de material arqueológico - sem contexto - depositado num terreno particular. Teve-se por objetivo resgatar o material arqueológico e, principalmente, a partir de sua análise, localizar o sítio de onde o material fora retirado. Do material peneirado com malha de 0,7mm, foram coletadas aleatoriamente amostras de fauna como ossos de peixe, de ave, de tartaruga, vértebras de tubarão, vértebra de golfinho; de material malacológico de diversas espécies como *Lucina pectinata* Gmelin (1791), *Anomalocardia brasiliensis* Gmelin (1791), *Anadara chemnitzii* Philippi (1851), *Astraea latispina* Philippi (1844), *Stramonita haemastoma* Linnaeus (1767), etc; assim como de material lítico, representado por um grande número de lascas de quartzo hialino e um quebra-coquinho. Além disso, foram recuperados também alguns artefatos ósseos como uma ponta espatulada - feita provavelmente de casco de tartaruga - e outros fragmentos de pontas. Ossos humanos também foram encontrados, provavelmente de três indivíduos. O material triado foi levado ao setor de Arqueologia do Museu Nacional, para ser analisado em laboratório. Nesta fase do trabalho foi constatado que o material em questão, mesmo apresentando características culturais semelhantes, teria vindo de dois locais distintos, provavelmente adjacentes: um morrote com solo areno-argiloso e um cordão de areia. Contexto verificado também no sítio Geribá II, pesquisado pela Dra. Maria Cristina Tenório do Museu Nacional, onde a ocupação arqueológica é mais antiga sobre o morrote localizado no canto esquerdo da praia de Geribá e se estende sobre

os cordões arenosos da praia. Com auxílio de imagens de satélites e de informações relacionadas à geomorfologia foram definidos os locais de maior potencial para encontro do sítio, e organizadas prospecções em conjunto com pesquisadores e alunos do Departamento de Geologia e do setor de Arqueologia do Museu Nacional.

Código: 1886 - Lenhos Fósseis do Cretáceo Coletados na Ilha James Ross, Península Antártica

JULIANA DA SILVA COELHO (CNPq/PIBIC)
LUÍS HENRIQUE PEREIRA BARROS (FAPERJ)
Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT
MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS
LUCIANA WITOVISK GUSSELLA

As formações Whisky Bay, Hidden Lake e Santa Marta, que ocorrem no norte da Antártica, formaram-se em ambientes marinhos, numa bacia de ante-arco. Estas rochas sedimentares, muito ricas em fósseis, são provavelmente uma das mais importantes seqüências do Cretáceo no hemisfério sul, concentrando depósitos de fauna e de flora muito significativos (Poole & Cantrill 2006). Uma expedição realizada durante o verão austral de 2006-2007 por membros do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, à Ilha James Ross, no nordeste da Península Antártica, teve por objetivo a prospecção de macro e micro fósseis na baía Brandy e em Col Crame. Este trabalho resultou na coleta de impressões foliares, madeiras fósseis e amostras de invertebrados marinhos. Cerca de 200 amostras de madeiras fósseis carbonizadas foram coletadas nas três formações. Os exemplares de madeira petrificada, encontrados apenas nas formações Hidden Lake e Santa Marta, perfizeram cerca de 85 amostras. As amostras aparentam estar em bom estado de conservação, pelo menos em sua maior parte, tornando possível sua identificação florística, que é uma importante fonte de dados para reconstruções paleoambientais e climáticas. Os troncos de árvores continentais e as madeiras carbonizadas, produzidas por incêndios florestais associados a eventos vulcânicos na Península Antártica, provavelmente foram transportados pelos sistemas fluviais, por movimentos de massa gravitacionais ou por fluxos piroclásticos e depositados na bacia Larsen, onde foram fossilizados. Todo o material coletado foi incluído na coleção de Paleobotânica do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todas as amostras de lenho, tanto o material petrificado quanto o carbonizado, está sendo analisado visando sua determinação taxonômica. Para as amostras petrificadas, assim como para o material carbonizado, quando secundariamente mineralizado, estão sendo confeccionadas lâminas petrográficas ou pequenos blocos polidos (Hass & Rowe 1999). O material carbonizado pouco mineralizado é quebrado à mão ao longo dos três planos fundamentais da madeira, de acordo com as técnicas de antracologia (Scheel-Ybert 2004). As amostras serão identificadas através de consultas à bibliografia especializada, assim como pela comparação com amostras de coleções de referência que estão sendo constituídas no Laboratório de Paleocologia Vegetal (DGP-MN). Apoio financeiro: CNPq Referências. Hass H. & Rowe N.P. 1999. Thin sections and wafering. In: Jones T.P. & Rowe N.P. (eds.) Fossil Plants and Spores. Londres: Geological Society. p. 76-81. Poole I. & Cantrill D.J. 2006. Cretaceous and Tertiary vegetation of Antarctica implications from the fossil wood record. Geological Society of London, Special Publ. 258: 63-81. Scheel-Ybert R. 2004. Teoria e métodos em antracologia. 1. Considerações teóricas e perspectivas. Arquivos do Museu Nacional 62(1): 3-14.

Código: 967 - Abundância de Palinomorfos como Indicadores de Variação do Nível do Mar Associada às Glaciações Quaternárias, Bacia de Campos

SUSAN PAIVA DE CASTRO (UFRJ/PIBIC)
RODRIGO P. DE SOUZA CAVALCANTE (CNPq/PIBIC)
Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
RITA SCHEEL-YBERT
ALINE GONÇALVES DE FREITAS

A sedimentação quaternária no talude continental brasileiro da Bacia de Campos foi diretamente influenciada pelas oscilações climáticas decorrentes das glaciações que durante os períodos glaciais, nível do mar mais baixo, a sedimentação fluvial foi mais intensa. Análise desses sedimentos utilizando parâmetros palinológicos possibilitou identificar os períodos glaciais e interglaciais. Três grupos de palinomorfos foram utilizados para caracterizar as glaciações: esporos, grãos de pólen e cistos de dinoflagelados (dinocistos). Os palinomorfos são normalmente divididos em palinomorfos continentais (esporos, grãos de pólen) e marinhos (dinocistos). Nove amostras de sedimentos quaternários foram retiradas de um testemunho da Bacia de Campos e preparadas conforme metodologia padrão para palinologia (Oliveira 2003). As lâminas palinológicas foram analisadas em microscopia de luz branca transmitida. Em cada lâmina foi contado cerca de 200 palinomorfos. O resultado foi transformado em percentual e submetido à análise de agrupamento (modo-R) para verificar a relação entres os três grupos de palinomorfos. Foi avaliada a abundância dos palinomorfos de acordo com as biozonas proposta por Ericsson & Wollin (1968) denominadas W e Y para períodos glaciais e X e Z para

períodos interglaciais. O testemunho estudado também foi analisado por Sayão (2007), onde também foi possível identificar as biozonas. No geral as amostras são ricas em palinórfos apresenta boa preservação, exceto na amostra 17,9 m que não recuperou palinórfos em número suficiente para tratamentos estatísticos. Os dinocistos foram conspicuamente os mais abundantes. A sua média de abundância geral alcança 82,1%, seguidos de esporos (14,7%) e grãos de pólen (3,2%). Apenas cinco espécies diferentes de dinocistos foram identificadas. A análise de agrupamento confirma a baixa similaridade entre os dinocistos e os esporos e grãos de pólen. Os dinocistos foram bem mais abundantes nos períodos relacionados interglaciações (93,5%) e mais baixo nas fases glaciais (70,7%). Ao contrário, ocorre com os palinórfos continentais (esporos e grãos de pólen). Essa relação indica que durante os períodos glaciais ocorreu uma descida do nível do mar que possibilitou um forte fluxo de material continental diminuindo assim, a quantidade de dinocistos. ERICSON, D.B. & WÖLLIN, G. 1968. Pleistocene climates and chronology in deep-sea sediments. *Science*, Washington, 162: 1227-1234. OLIVEIRA, A. D. 2003. Reconstrução paleoambiental com base nas assembléias de dinoflagelados presentes nos sedimentos do Holoceno e Pleistoceno do talude continental.

FCC

Forum de Ciência e Cultura

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE POR AUTOR

A/B	ALISSON RANGEL	25
	ANA CAROLYNA MAIA DUARTE	21
	ANA PAULA GARCIA COSTA	15, 16
	ANDERSON DE SOUZA LIMA	12
	ANDRÉ PIRES NEGRÃO	23
	ANDRÉA SIQUEIRA D'ALESSANDRI FORTI	1
	ARTHUR GUTIERREZ GRAVATO RODRIGUES	14, 26
BEATRIZ BASTOS FONSECA	7	
C/D	CAMILA DE ARAÚJO TORRES	7
	CARLOS HENRIQUE SILVA RUA	18
	CRISTIANO SAMPAIO COSTA	19
	DEBORAH ACEDO GUEDES	11, 22
	DIEGO E SILVA MENEZES CORRÊA	14
E/F	ELINIA MEDEIROS LOPES	10
	FÁBIO BELCHIOR COSTA	24
	FELIPE ZEIDAN SILVEIRA	1
	FILIPE MENEZES ROCHA	22
G/I	GABRIEL PINTO DA SILVA BARROS	2, 3, 4
	GUSTAVO BASTOS DA SILVA	17
	ISABELLA VERÍSSIMO NADER HADAD	7
J/K	JOÃO GABRIEL DA SILVA ASCENSO	11
	JULIANA BACELAR DE MATOS	8
	JULIANA BATISTA ALVIM	8
	JULIANA DA SILVA COELHO	13, 27
	JULIANA DE SOUSA NOGUEIRA	1
L	LARISSA JACINTHO MOREIRA GAMA	14
	LÁZARO GABRIEL DO NASCIMENTO ALVES	22
	LUÍS HENRIQUE PEREIRA BARROS	14, 27
	LUIZ GABRIEL NOGUEIRA RODRIGUES	4
M/N	MARIA CLARA NUNES RAMOS CHAVES	10
	MARIAH DOS SANTOS MARTINS	12
	MARIANA ORICHIO MELLO APPEL	6
	MÔNICA RIBEIRO GONÇALVES	5
	NAIA OLIVEIRA DE ABREU NASCIMENTO	19, 20
	NICOLLE BATISTA BENETT	21
P	PAULA FERNANDES DA SILVA	8
	PAULO RODRIGO VERÇOSA BARROS	21
	PAULO VINÍCIUS APRIGIO DA SILVA	12
	PEDRO SUCUPIRA DE TOLEDO	24
R	RAFAEL DA SILVA LUZ	13
	RAFAEL GOMES SCHIENER	18
	RENAN MONTEIRO DE BARROS CAVALCANTI	22
	RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA	15
	RENATA RIBEIRO GUIMARÃES	16
	RENATA VERDUN DA SILVA CARMO	23, 25, 26
	RICARDO ARAGÃO RIBEIRO	24
	ROBERTO ABRANTES FIRME	9
	RODRIGO PEREIRA DE SOUZA CAVALCANTE	27
S	SARAH DARIO ALVES	9
	STEPHANIE ALMEIDA DA SILVA	16
	SUEMA BRANCO	17
	SUSAN PAIVA DE CASTRO	27

T/V	THIAGO VIEGAS DE OLIVEIRA	6
	TIAGO RODRIGUES SIMÕES	20
	VALÉRIA LIMA MARQUES DE SOUSA	2, 16
	VANESSA HOLANDA RIGHETTI DE ABREU	16
	VINÍCIUS JOVIANO DA SILVA	18
	VITOR CORRÊA SEQUEIRA TAVARES	11
	VIVIANE PERDOMO SANTOS	21
W/Y	WELINGTON FRANKLIN VIEIRA JUNIOR	5
	WELLERSON PICAÇO LEITE	16
	YASMIN CAVENDISH DA SILVA	18

ÍNDICE POR ORIENTADOR

A/B	ADILSON DIAS SALLES	15, 24
	ADRIANO BRILHANTE KURY	19
	ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER	20
	ALEXANDRE DIAS PIMENTA	8
	ALINE GONÇALVES DE FREITAS	14, 27
	AMAZONAS CHAGAS JUNIOR	19
	ANDRÉIA ALVES SOARES	18
D/J	ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES	1
	BÁRBARA DE SÁ HAIAD	5, 6
	BRUNO COSME DA SILVA GOMES	5
C	CARLA DE MORAES RIBEIRO	23, 25, 26
	CARLOS RENATO REZENDE VENTURA	7, 10
	CÉLIA LEITE SANT'ANNA	16
	CÉLIA MARIA GOMES MAIA	21
	CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA	14, 16
	CLÁUDIA PETEAN BOVE	5, 15
	CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO	15, 24
E/F	EDUARDO CARLOS MEDUNA HAYDU	5, 17, 21
	EDUARDO LEAL ESTEVES	21
	FÁBIO ROLAND	19, 20
G/J	GABRIEL LUÍS FIGUEIRA MEJDALANI	4
	GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY	11
	JOÃO ALVES DE OLIVEIRA	13
L	LEONARDO RODRIGUES DE ANDRADE	17
	LUCI DE SENNA VALLE	9
	LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA	19, 20
	LUCIANA SILVA DA COSTA	9
	LUCIANA WITOVISK GUSSELLA	13, 27
	LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES	6, 7
M	MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO	13, 14, 23, 25, 26, 27
	MÁRCIA SOUTO COURI	2, 3, 4
	MARIA CRISTINA TENÓRIO DE OLIVEIRA	23, 25, 26
	MARIA DA CONCEICAO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO	18, 22
	MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO	11, 22
	MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS	11, 12, 21
	MARIANA DE SOUZA CARVALHO	17
	MARIANGELA MENEZES	2, 16, 17
	MARTHA LOCKS GUIMARÃES	1, 18, 22

P	PATRÍCIA DOMINGOS	17
	PAULA MARIA VAN BIENE	21
	PAULO ANDREAS BUCKUP	10
	PEDRO SUCUPIRA DE TOLEDO	15
R	REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS	8, 12
	RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA	24
	RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS	8, 22, 23, 24, 27
	RENNER LUIZ CERQUEIRA BAPTISTA	19
	RITA DE CÁSSIA RIBEIRO GAMA	6, 7
	RITA SCHEEL YBERT	13, 14, 25, 26, 27
RUY JOSÉ VALKA ALVES	2	
S/T	SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO	11, 12
	SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVES	21
	TAÍS DOS SANTOS LOPES	17
	TAÍSSA RODRIGUES MARQUES DA SILVA	20
V	VALÉRIA CID MAIA	3
	VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES	14, 15, 16
	VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR	6, 9, 19, 20
	VITOR MANOEL FONSECA	11

